



BREVES CONTOS
VOLTAIRE

Exilado dos livros



Breves Contos



VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Breves Contos
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

Copyright:
Domínio Público

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO
BIOGRAFIADO AUTOR
AVENTURADAMEMÓRIA
SONHODEPLATÃO
CARTADEUMTURCO
SOBRE OS FAQUIRESE O SEU AMIGO BABABEC
PEQUENA DIGRESSÃO
AVENTURA INDIANA
TRADUZIDA PELO IGNORANTE
ELOGIO HISTÓRICO DA RAZÃO
PRONUNCIADO EM UMA ACADEMIA DE PROVÍNCIA POR M.
O CARREGADOR ZAROLHO
COSI SANCTA
UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM

NOVELA AFRICANA

BREVES CONTOS



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Em “Breves Contos” reunimos oito textos de Voltaire. São curtos, mas contêm todo o estilo inigualável do filósofo. O espírito crítico, com a peculiar ironia e irreverência do autor estão presentes em todos eles, lado a lado com as suas profundas e atraentes reflexões.

“Aventura da Memória” contém uma apologia da teoria na qual se defende que nossos conhecimentos decorrem da experiência; é também uma crítica à teoria cartesiana das idéias inatas.

“O Sonho de Platão” traz algumas idéias do filósofo grego, em que ele sonha sobre a criação do mundo pelo grande Demiurgo e os equívocos cometidos pelos gênios que receberam a incumbência de adaptar parte do universo às suas próprias concepções.

“Carta de um Turco” é uma crítica aos ascetismo cristão e ao misticismo oriental.

“Pequena Digressão” e “Aventura Oriental” são dois capítulos de uma obra maior: “O Filósofo Ignorante”. O primeiro conto trata da cegueira, o segundo trata da insatisfação das plantas, dos animais e dos homens com sua própria natureza.

“Elogio Histórico da Razão” traz uma crítica aos homens que se deixam dirigir por inúmeros impulsos, inclusive os mais cruéis, e não se aproximam da Razão.

“O Carregado Zarolho” e “Cosi-Sancta” são trabalhos de 1747. Demonstram profunda influência de Boccaccio, cuja obra fizera muito sucesso na França do século XVI.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a *Henriade* quase terminada e com o esboço do *OEdipe*. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia *OEdipe* foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: *Artemise* (1720), *Marianne* (1725) e o *Indiscret* (1725).

Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou *Brutus* (1730), *Eriphyle* (1732), *Zaïre* (1732), *La Mort de César* (1733) e *Adélaïde Duguesclin* (1734). Datam da mesma época suas *Lettres Philosophiques* ou *Lettres Anglaises*, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os *Eléments de la Philosophie de Newton* (1738), além de *Alzire*, *L'Enfant Prodigue*, *Mahomet*, *Mérove*, *Discours sur l'Homme*, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescentando-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito:

as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

AVENTURA DA MEMÓRIA

O gênero humano pensante, isto é, a centésima-milésima parte do gênero humano, quando muito, acreditara por muito tempo, ou pelo menos por muitas vezes o repetira, que nós não tínhamos idéias senão por intermédio dos sentidos, e que a memória era o único instrumento com o qual podíamos reunir duas idéias e duas palavras.

Eis por que Júpiter, símbolo da natureza, se enamorou, à primeira vista, de Mnemósine, deusa da memória; e desse casamento nasceram as nove Musas, que inventaram todas as artes.

Este dogma, no qual se fundam todos os nossos conhecimentos, foi universalmente aceito, e até mesmo a Nonsobre o adotou, embora se tratasse de uma verdade.

Algum tempo depois surgiu um argumentador, metade geômetra, metade lunático, o qual se pôs a argumentar contra os cinco sentidos e contra a memória. E disse ao reduzido grupo do gênero humano pensante:

— Até agora estivestes enganados, porque os vossos sentidos são inúteis, porque as idéias são inatas em vós, antes de que qualquer dos vossos sentidos possa ter operado; porque já tínheis todas as noções necessárias quando viestes ao mundo; porque já sabíeis tudo sem nunca haver sentido nada; todas as vossas idéias, nascidas convosco, se achavam presentes em vossa inteligência, chamada alma, e sem auxílio da memória. Esta memória não serve para coisa alguma.

A Nonsobre condenou tal proposição, não porque fosse ridícula mas porque era nova. No entanto, quando em seguida um inglês começou a provar, e a provar longamente, que não havia idéias inatas, que nada era tão necessário como os cinco sentidos, que a memória muito servia para reter as coisas recebidas pelos cinco sentidos, a Nonsobre condenou suas próprias idéias, visto que eram agora as mesmas de um inglês. Ordenou por conseguinte ao gênero humano que acreditasse dali por diante nas idéias inatas, e perdesse toda e qualquer crença nos cinco sentidos e na memória. O gênero humano, em vez de obedecer, pôs-se a rir da Nonsobre, a qual entrou em tamanha fúria, que quis mandar queimar a um filósofo. Pois dissera esse filósofo que era impossível formar idéia completa de um

queijo sem o ter visto e comido; e chegou o celerado a afirmar que os homens e mulheres jamais poderiam fazer trabalhos de tapeçaria se não tivessem agulhas e dedos para as enfiar.

Os liolistas juntaram-se à Nonsobre pela primeira vez na vida; e os sejanistas, inimigos mortais dos liolistas, reuniram-se por um momento a estes. Chamaram em seu auxílio os antigos dicastéricos; e todos eles, antes de morrer, baniram unanimemente a memória e os cinco sentidos, e mais o autor que dissera bem dessa meia dúzia de coisas.

Um cavalo que estava presente ao julgamento estatuído por aqueles senhores, embora não pertencesse à mesma espécie e houvesse muita coisa que os diferenciava, tal como a estatura, a voz, as crinas e as orelhas, esse cavalo, dizia eu, que tanto possuía senso como sentidos, contou a história a Pégaso, na minha estrebaria, e Pégaso, com a sua ordinária vivacidade, foi repeti-la às Musas.

As Musas que, durante uns cem anos, vinham singularmente favorecendo o país, por tanto tempo bárbaro, onde se passava esta cena, ficaram muito escandalizadas; amavam ternamente a Memória, ou Mnemósine, sua mãe, à qual essas nove filhas são credoras de tudo quanto sabem. Irritou-as a ingratidão dos homens. Não satirizaram os antigos dicastéricos, os liolistas, os sejanistas e a Nonsobre, porque as sátiras não corrigem ninguém, irritam os tolos e os tornam ainda piores. Elas imaginaram um meio de esclarecê-los, punindo-os. Os homens haviam blasfemado contra a memória; as Musas lhes tiraram esse dom dos deuses, a fim de que aprendessem de uma vez por todas, a que se fica reduzido sem o seu auxílio.

Aconteceu, pois, que durante uma bela noite todos os cérebros se obscureceram, de modo que no dia seguinte, de manhã, todos se acordaram sem a mínima lembrança do passado. Alguns dicastérios, deitados com as suas mulheres, quiseram aproximar-se delas por um resto de instinto Independente da memória. As mulheres, que só muito raramente possuem o instinto de entrar em contato com os maridos, repeliram asperamente as suas desagradáveis carícias, e a maioria dos casais acabou aos tapas.

Alguns senhores, encontrando um chapéu, serviram-se dele para certas necessidades que nem a memória nem, o bom senso justificam. E senhoras empregaram para o mesmo uso as bacias de rosto. Os criados, esquecidos do contrato que haviam feito com os patrões, entraram no quarto dos mesmos, sem saber onde se achavam; mas, como o homem nasceu curioso,

abriram todas as gavetas; e, como o homem ama naturalmente o brilho da prata e do ouro, sem ter para isso necessidade de memória, apanharam tudo o que estava a seu alcance. Os patrões quiseram bradar contra ladrão; mas, tendo-lhes saído do cérebro a idéia de ladrão, não pôde a palavra lhes chegar à língua. Cada qual, tendo esquecido o seu idioma, articulava sons informes. Era muito pior que em Babel, onde cada um inventava imediatamente uma língua nova. A inata inclinação dos criados moços pelas mulheres bonitas se manifestou com tal premência que os atrevidos se lançaram irrefletidamente sobre as primeiras mulheres ou raparigas que encontraram, fossem elas taberneiras ou presidentas; e estas, esquecidas das leis do pudor, deixaram-se manobrar com toda liberdade.

Foi preciso almoçar; ninguém sabia o que fazer para isso. Ninguém fora ao mercado, nem para vender nem para comprar. Os criados tinham vestido a roupa dos patrões, e os patrões a dos criados. Todo mundo se olhava aparvalhado. Os que tinham mais jeito para obter o necessário (e era a gente do povo) conseguiram um pouco com que viver; aos outros, faltou-lhes tudo. O ministro e o arcebispo andavam inteiramente nus, e seus palefreneiros passeavam, uns de hábito vermelho, outros com dalmáticas: tudo estava confundido, iam todos morrer de miséria e de fome, por falta de mútuo entendimento.

Ao cabo de alguns dias, as Musas tiveram piedade dessa pobre raça: elas são boas afinal, embora algumas vezes façam sentir aos maus a sua cólera; suplicaram, pois, à mãe, que devolvesse àqueles blasfemos a memória que lhes havia tirado. Mnemósine desceu à região dos contrários, onde tão temerariamente a tinham insultado, e falou-lhes nos seguintes termos:

— Perdôo-vos, imbecis; mas lembrai-vos de que sem sentido não há memória e sem memória não há senso.

Os dicastéricos agradeceram-lhe secamente, e decidiram fazer-lhe uma admoestação. Os sejanistas publicaram toda essa aventura na sua gazeta; viu-se que ainda não estavam curados. Os liolistas transformaram o caso numa intriga de corte. Mestre Coger, pasmado da aventura e sem compreender patavina daquilo tudo, disse a seus alunos do quinto ano este belo axioma: *Non magis musis quam hominibus infensa est ista quae vocatur memoria*. (O que se chama memória não é mais infenso às musas que aos homens)

SONHO DE PLATÃO

Platão sonhava muito, e não menos se tem sonhado até agora. Imaginava ele que o ser humano era outrora duplo e que, como castigo de suas faltas, foi dividido em macho e fêmea.

Demonstrara que não pode haver senão cinco mundos perfeitos, porque, na matemática, só há cinco corpos regulares. A sua República foi um de seus grandes sonhos. Sonhara ainda que o dormir nasce da vigília e a vigília do dormir, e que se perde infalivelmente a vista contemplando um eclipse, a não ser numa bacia d'água.

Eis aqui um de seus sonhos, que não é dos menos interessantes. Fantasiou que o grande Demiurgo, o eterno Geômetra, depois de povoar o infinito de globos inumeráveis, quis experimentar a ciência dos gênios que haviam testemunhado o seu trabalho. Deu a cada um deles uma pequena porção de matéria para que a afeiçoasse a seu modo, da mesma forma que Fídias e Zeuxis distribuiriam a seus discípulos o material para fazerem estátuas e quadros, se é permitido comparar as pequenas coisas às grandes.

Demogórgon recebeu, como partilha a porção de lama que se chama a terra; e, tendo-a arranjado tal como hoje a vemos, julgava ter feito uma obra-prima. Pensava haver subjugado a inveja e esperava elogios, até mesmo de seus confrades; muito surpreso ficou de ser recebido com forte vaia.

Um deles, que não poupava gracejos, disse-lhe:

— Na verdade, fizeste um excelente trabalho: dividiste o teu mundo em dois e puseste um grande espaço d'água entre os dois hemisférios, a fim de que não houvesse comunicação entre ambos. Os humanos vão enregelar-se nos teus dois pólos e morrer de calor na tua linha equatorial. Distribuíste prudentemente, pelas terras, grandes desertos de areia, para que os viajantes morressem de fome e de sede. Estou muito satisfeito com os teus carneiros, as tuas vacas e as tuas galinhas; mas, francamente, não vou muito com as tuas cobras nem com as tuas aranhas. As tuas cebolas e alcachofras são excelentes; mas não concebo qual foi a tua intenção ao cobrir a terra de tantas plantas venenosas, a menos que tivesses o desejo de envenenar seus habitantes. Parece-me, por outro lado, que formaste umas

trinta espécies de macacos, muito mais espécies de cães e apenas quatro ou cinco espécies de homens; é verdade que deste a este último animal aquilo a que chamas razão; mas, para te falar com toda a sinceridade, essa tal razão é demasiado ridícula e muito se aproxima da loucura. Parece-me aliás que não fazes grande caso desse animal de dois pés, visto lhe haveres dado tantos inimigos e tão pouca defesa, tantas doenças e tão poucos remédios, tantas paixões e tão pouca sabedoria. Pelo que se vê, não queres que fiquem muitos desses animais sobre a face da terra: pois, sem contar os perigos a que os expões, arranjaste de tal modo as coisas que um dia a varíola arrebatará regularmente todos os anos a décima parte dessa espécie e a irmã dessa varíola envenenará a fonte da vida nos nove décimos restantes; e, como se ainda não bastasse, fizeste de modo que metade dos sobreviventes se ocupará em demandas e a outra metade em matar-se. Eles, sem dúvida, muito te ficarão devendo, e fizeste na verdade uma bela obra.

Demogórgon enrubesceu: bem sentia que na sua obra havia mal moral e mal físico; mas sustentava que havia mais bem que mal

— É fácil criticar – disse ele, – mas achas tão fácil fazer um animal que seja sempre razoável, que seja livre, e que jamais abuse da sua liberdade. Pensas que, quando se tem de nove a dez mil plantas para fazer proliferar, seja tão fácil impedir que algumas dessas plantas tenham qualidades nocivas? Imaginas que, com certa quantidade de água, de areia, de lama e de fogo, não se possa ter nem mar nem deserto? Acabas, senhor trocista, de arranjar o planeta Marte; veremos como te houveste com os teus costados e que belo efeito não hão de fazer as tuas noites sem lua; veremos se entre a tua gente não há nem loucura nem doença.

Com efeito, os gênios examinaram Marte e caíram de rijo sobre o galhofeiro. Nem o grave gênio que modelara Saturno foi poupado; seus confrades, os fabricantes de Júpiter, de Mercúrio, de Vênus, tiveram cada um de suportar censuras.

Escreveram grossos volumes e brochuras; disseram frases de espírito; fizeram canções, ridicularizaram-se uns aos outros; as facções se desmandaram na linguagem; até que o eterno Demiurgo impôs silêncio a todos:

— Fizestes (lhes disse ele) coisas boas e coisas más, porque tendes muita inteligência e sois imperfeitos; as vossas obras durarão somente algumas centenas de milhões de anos; após o que, já possuindo mais experiência, haveis de fazer coisa melhor: só a mim é dado fazer coisas

perfeitas e imortais.

Eis o que Platão ensinava aos discípulos. Quando parou de falar, um deles disse-lhe: E aí então vós acordastes.

CARTA DE UM TURCO SOBRE OS FAQUIRES E O SEU AMIGO BABABEC

Quando me achava na cidade de Benarés, à margem do Ganges, antiga pátria dos brâmanes, procurava instruir-me. Compreendia passavelmente o hindu; escutava muito e observava tudo. Parava em casa de meu correspondente Omri, o homem mais digno que já conheci na vida. Era ele da religião dos brâmanes; quanto a mim, tenho a honra de ser muçulmano; mas nunca trocamos uma palavra mais alta a respeito de Maomé e de Brama. Fazíamos as abluções cada qual para o seu lado; bebíamos da mesma limonada, comíamos do mesmo arroz, como irmãos.

Fomos um dia juntos ao pagode de Gavani. Vimos ali vários bandos de faquires. Uns eram janguis, isto é, faquires contemplativos; e os outros eram discípulos dos antigos ginossófitas, que levavam uma vida ativa. Possuem, como é sabido; uma língua erudita, que é a dos mais antigos brâmanes, e, nessa língua, um livro chamado os Vedas. É certamente o mais antigo livro de toda a Ásia, sem excetuar o Zend Avesta.

Passei por um faquir que lia esse livro.

— Ah! desgraçado infiel! — exclamou ele. — Tu me fizeste perder o número das vogais que eu estava contando; e por isso a minha alma vai passar para o corpo de uma lebre, em vez de ir para o de um papagaio, como eu tinha motivos de crer.

Dei-lhe uma rúpia para consolá-lo. Dali a alguns passos, aconteceu-me a desgraça de espirrar, e o ruído que fiz despertou um faquir que se achava em êxtase.

— Onde estou? — disse ele. — Que horrível queda! Não vejo mais a ponta do nariz; a luz celeste dissipou-se.

— Se sou o causante — disse-lhe eu — de que afinal enxergues além da ponta do nariz, eis uma rúpia para reparar o mal. Retoma a tua luz celeste.

Depois de assim contornar discretamente a situação, fui ter com os ginossófitas: vários deles me trouxeram uns preguinhos muito bonitos, para os fincar em meus braços e coxas, em honra de Brama. Comprei-lhes

os pregos, com os quais mandei pregar meus tapetes. Outros dançavam sobre as mãos; outros na corda bamba; outros andavam num pé só. Havia uns que carregavam correntes, outros uma sela, outros que conservavam a cabeça dentro de uma caixa: de resto, a melhor gente do mundo.

Meu amigo Omri levou-me à cela de um dos mais famosos; chamava-se Bababec: estava nu como um macaco e trazia ao pescoço uma grossa cadeia que pesava mais de sessenta libras. Achava-se sentado em um banco de madeira, lindamente guarnecido de pregos que lhe penetravam nas nádegas, e dir-se-ia que estava num leito de cetim. Muitas mulheres vinham consultá-lo; era o oráculo das famílias; e pode-se dizer que gozava de grande reputação. Fui testemunha da longa conversa que Omri teve com ele.

— Acreditas, meu pai – perguntou-lhe Omri, – que, após haver passado pela prova das sete metempsicoses, possa eu chegar à morada de Brama?

— Isto é conforme – disse o faquir. – Como vives?

— Trato – disse Omri – de ser bom cidadão, bom esposo, bom pai, bom amigo. Emprasto dinheiro sem juros aos ricos e dou aos pobres. Incentivo a paz entre meus vizinhos.

— Não metes algumas vezes pregos no ânus?

— Nunca, reverendo.

— Sinto muito: dessa maneira, só irás para o décimo-nono céu; e é uma pena.

— Qual! Está certo. Sinto-me muito contente com a minha parte. Que me importa o décimo-nono ou o vigésimo, contanto que eu cumpra o dever na minha peregrinação, e seja bem recebido na última morada. Não será suficiente ser um homem direito neste país e depois um homem venturoso no país de Brama? Para que céu pretendes ir então, com os teus pregos e as tuas correntes?

— Para o trigésimo-quinto – disse Bababec.

— És muito engraçado – replicou Omri – com isso de queres ficar alojado acima de mim: talvez não seja mais que um sinal de excessiva ambição. Se condenas aqueles que buscam honrarias nesta vida, por que então ambicionas honrarias tão grandes na outra? E de resto, por que motivo pretendes ser mais bem tratado do que eu? Fica sabendo que dou em esmolas, em dez dias, mais do que te custam em dez anos todos os pregos que fincas no traseiro. A Brama, pouco se lhe dá que passes o dia nu, com uma corrente ao pescoço. Belo serviço prestas assim à pátria.

Considero cem vezes mais a um homem que semeia legumes ou planta árvores do que todos os teus camaradas que olham para a ponta do nariz ou carregam uma sela, por excesso de nobreza d'alma. Depois de assim falar, Omri se abrandou, mostrou-se gentil, acarinhou-o, persuadindo-o enfim a que deixasse os pregos e as correntes, e fosse viver uma vida às direitas, na sua companhia.

Tiraram-lhe o cascão, aspergiram-no de perfumes, vestiram-no decentemente.

Viveu quinze dias muito sensatamente, e confessou que era mil vezes mais feliz do que antes.

Mas desacreditava-se entre o povo e as mulheres não vinham mais consultá-lo. Ele deixou Omri e voltou a seus pregos para ter consideração.

PEQUENA DIGRESSÃO

Logo no começo da fundação dos Quinze-Vingts, sabe-se que os asilados eram todos iguais e seus assuntos se decidiam por votação. Distinguiam perfeitamente, pelo tato, a moeda de cobre da de prata; nenhum deles tomou jamais vinho de Brie por vinho de Borgonha. Seu olfato era mais fino que o de seus patrícios que tinham dois olhos. Aprofundaram-se perfeitamente nos quatro sentidos, Isto é, ficaram sabendo acerca deles tudo quanto é possível; e viveram tranqüilos e felizes na medida em que os cegos o podem ser. Infelizmente, um de seus professores julgou possuir noções claras sobre o sentido da vista; fez-se ouvir, intrigou, granjeou partidários; reconheceram-no afinal como chefe da comunidade. Pôs-se a julgar soberanamente em matéria de cores, e aí é que foi a perdição.

Esse primeiro ditador dos Quinze-Vingts formou primeiro um pequeno conselho, com o qual se tornou depositário de todas as esmolas. Por esse motivo, ninguém se atreveu a resistir-lhe. Decidiu ele que todas as roupas do Quinze-Vingts eram brancas; os cegos acreditaram; não falavam senão de seus belos trajes brancos, embora não houvesse entre eles um único dessa cor. Como todo o mundo comesse então a zombar deles, foram queixar-se ao ditador, que os recebeu muito mal; tratou-os de inovadores, de espíritos fortes, de rebeldes, que se deixavam seduzir pelas opiniões errôneas daqueles que tinham olhos e ousavam duvidar da infalibilidade de seu senhor. Dessa querela, formaram-se dois partidos.

O ditador, para os apaziguar, baixou um decreto segundo o qual todas as suas vestes eram vermelhas. Não havia uma única veste vermelha entre os Quinze-Vingts. Riram-se deles mais do que nunca. Novas queixas da comunidade. O ditador enfureceu-se, os outros cegos também. Disputaram longamente, e só se restabeleceu a concórdia quando foi permitido, a todos os Quinze-Vingts, suspenderem o juízo sobre a cor de sua roupa.

Um surdo, ao ler esta pequena história, confessou que os cegos tinham feito muito mal em querer julgar a respeito de cores, mas permaneceu firme na opinião de que só aos surdos compete falar de música.

AVENTURA INDIANA

TRADUZIDA PELO IGNORANTE

Durante a sua estada na Índia, Pitágoras aprendeu com os ginossófitas, como todos sabem, a linguagem dos animais e das plantas. Passeando um dia por um campo à beira-mar, ouviu estas palavras: “Que desgraça a minha ter nascido relva! Mal chego a duas polegadas de altura, vem logo um monstro devorador, um animal horrível, que me aplastra com seus largos pé; a sua boca é armada com uma dupla fila de foices cortantes, com a qual me arranca, me tritura e me engole. Os homens, chamam a esse monstro de ovelha. Não creio que haja no mundo mais abominável criatura.”

Pitágoras avançou alguns passos e topou com uma ostra que bocejava sobre um rochedo. O filósofo ainda não havia adotado essa admirável lei que nos proíbe comer aos animais nossos semelhantes. Ia, pois, engolir a ostra, quando a pobre pronunciou estas comoventes palavras: “Ó Natureza! Como é feliz a relva, que é, como eu, obra tua! Ela, depois de cortada, renasce: é imortal. E nós, miseráveis ostras, em vão somos defendidas por uma dupla couraça; e uns celerados nos comem às dúzias, ao almoço, e tudo se acaba para sempre. Que terrível o destino de uma ostra, e como são bárbaros os homens!”

Pitágoras estremeceu; sentiu a enormidade do crime que ia praticar: debulhado em pranto, pediu perdão à ostra e colocou-a cuidadosamente sobre o seu rochedo.

De regresso à cidade, a meditar profundamente sobre essa aventura, viu aranhas que comiam moscas, andorinhas que comiam aranhas, gaviões que comiam andorinhas. “Esse pessoal todo – dizia ele consigo – não tem a mínima filosofia”.

Ao entrar na cidade, foi Pitágoras atropelado, contundido, derrubado por uma multidão de cretinos e cretinas que corriam a gritar: “Bem feito! Bem feito! É mesmo merecido!”

— “Quem? O quê? Como!” – disse Pitágoras, erguendo-se do chão. E a gente sempre a correr, exclamando: “Ah! como não vai ser bom vê-los cozer!”

Pitágoras julgou que falavam de lentilhas ou quaisquer outros legumes; absolutamente: tratava-se de dois pobres hindus. “Ah, sem dúvida – pensou Pitágoras – são dois grandes filósofos que estão cansados da vida e querem renascer sob outra forma; é um prazer mudar de casa, embora se fique sempre mal alojado; de gostos não se discute.”

Avançou com a multidão até a praça pública e foi lá que viu uma grande pira acesa e, defronte a essa pira, um banco a que chamavam tribunal, e, nesse banco, uns juizes, e esses juizes seguravam todos uma cauda de vaca e usavam todos um barrete que se assemelhava perfeitamente às duas orelhas do animal que transportou Sileno, quando este veio outrora à Índia em companhia de Baco, depois de atravessarem a seco o mar Eritreu e terem feito parar o sol e a lua, como vem fielmente descrito nas Órficas.

Entre esses juizes, havia um excelente homem conhecido de Pitágoras. O sábio da Índia explicou ao sábio de Samos em que consistia a festa que iam oferecer ao povo indiano.

“Os dois hindus” – disse ele – “não têm o mínimo desejo de ser queimados; os meus graves confrades condenaram ambos a esse suplício: um por haver dito que a substância de Xaca não é a substância de Brama; e o outro, por haver suspeitado que se podia agradar ao Ser Supremo pela simples virtude, sem que seja preciso, à hora da morte, segurar uma vaca pela cauda; pois que, dizia ele, a gente pode ser sempre virtuoso, mas nem sempre se encontra uma vaca à mão. De tal forma se horrorizaram as boas mulheres da cidade com tão heréticas proposições que não deram descanso aos juizes enquanto estes não mandaram os dois infelizes para a fogueira.”

Pitágoras considerou que, desde a relva até o homem, há sobejos motivos de aborrecimento. No entanto, fez que os juizes, e até mesmo os devotos, ouvissem a voz da razão; e foi essa a única vez em que tal coisa aconteceu.

Em seguida foi pregar tolerância em Crotona; mas um intolerante lhe ateou fogo à casa: e Pitágoras morreu queimado, ele que tirara dois hindus da fogueira...

Salve-se quem puder!

ELOGIO HISTÓRICO DA RAZÃO PRONUNCIADO EM UMA ACADEMIA DE PROVÍNCIA por M...

Fez Erasmo, no século XVI, o elogio da Loucura. Vós me ordenais que vos faça o elogio da Razão. Essa Razão, com efeito, só costuma ser festejada duzentos ano após sua inimiga, e às vezes muito mais tarde; e existem nações onde ela ainda não foi vista.

Era tão desconhecida entre nós, no tempo do. druidas, que nem sequer tinha nome em nossa língua. César não a levou nem à Suíça, nem a Autan, nem a Paris, que não passava então de uma aldeola de pescadores; e ele próprio quase a não conhecia. V

Possuía tantas e tamanhas qualidades que a Razão não pode encontrar lugar em meio delas. Esse magnânimo insensato saiu de nosso país devastado para ir devastar o seu e para deixar-se mimosear com vinte e três punhaladas por vinte e três outros ilustres furiosos que estavam longe de emparelhar com ele.

O sicambro Clodvich, ou Clóvis, cerca de quinhentos anos depois, veio exterminar parte da nossa nação e subjugar a outra. Não se ouviu falar em razão, nem no seu exército nem nas nossas infelizes aldeias, a não ser na razão do mais forte.

Apodrecemos por muito tempo nessa horrível e aviltante barbárie, da qual as Cruzadas não nos tiraram. Foi essa, ao mesmo tempo a mais universal, a mais atroz, a mais ridícula e desgraçada das loucuras. A essas longínquas cruzadas, sucedeu a abominável loucura da guerra civil e sagrada que exterminou tanta gente da língua de OC e da língua de OIL. A Razão não tinha como achar-se ali. Em Roma reinava então a Política, que tinha como ministras suas duas irmãs, a Velhacaria e a Avareza. Via-se a Ignorância, o Fanatismo, a Fúria, percorrerem sob suas ordens a Europa toda; a Pobreza lhes seguia o rastro; a Razão ocultava-se num poço, como a Verdade sua filha. Ninguém sabia onde ficava esse poço, e, se o farejassem, ali teriam descido para degolar mãe e filha.

Depois que os turcos tomaram Constantinopla, redobrando os espantosos males da Europa, dois ou três gregos, ao fugir, tombaram nesse poço, ou antes, nessa caverna, semimortos de fadiga, de fome e de medo.

A Razão recebeu-os com humanidade, deu-lhes de comer sem distinção de carnes (coisa que jamais haviam conhecido em Constantinopla). Receberam dela algumas instruções, em pequeno número: pois a Razão não é prolixa. Obrigou-os a jurar que não revelariam o local do seu retiro. Partiram, e chegaram, depois de muito andar, à corte de Carlos Quinto e Francisco I.

Receberam-nos ali como a prestidigitadores que viessem fazer seus passes de mágica para distrair a ociosidade dos cortesãos e das damas, no intervalo de seus encontros galantes. Os ministros dignaram-se olhá-los nos momentos de folga que lhes pudessem permitir a lufa-lufa dos negócios. Chegaram até a ser acolhidos pelo imperador e pelo rei de França, que lhes lançaram um olhar de passagem, quando iam ter com suas amantes. Mas eles colheram melhor fruto nas pequenas cidades, onde encontraram alguns burgueses que ainda tinham, não se sabia como, algum vislumbre de senso comum.

Esses flébeis clarões se extinguíram em toda a Europa, entre as guerras civis que a assolaram. Duas ou três faíscas de razão não podiam aclarar o mundo no meio das tochas ardentes e das fogueiras que o fanatismo acendeu durante tantos anos. A Razão e sua filha ocultaram-se mais do que nunca.

Os discípulos de seus primeiros apóstolos suicidaram-se, com exceção de alguns que foram bastante desavisados para irem apregoar a Razão desarrazoadamente, e fora de tempo: isso lhes custou a vida, como a Sócrates; mas ninguém prestou atenção à coisa. Nada mais desagradável do que ser enforcado obscuramente. Por tanto tempo se havia a gente ocupado com noites de S. Bartolomeu, massacres da Holanda, cadafalsos da Hungria, e assassínios de reis, que não havia nem tempo, nem suficiente liberdade de espírito para pensar nos crimes miúdos e nas calamidades secretas que inundavam o mundo, de um extremo a outro.

A Razão, informada do que ocorria por alguns exilados que se haviam refugiado no seu retiro, sentiu-se tomada de compaixão, embora não passe por ser muito terna. Sua filha que é mais ousada do que ela, animou-a a que fosse ver o mundo e tratasse de curá-lo. Apareceram as duas, falaram mas encontraram tantos malvados interessados em contradizê-las, tantos

imbecis a soldo desses malvados, tantos indiferentes apenas preocupados consigo mesmos e com o momento atual e que não se importavam nem com elas nem com seus inimigos, que resolveram ambas voltar muito sabiamente para o seu asilo.

Todavia, algumas sementes dos frutos que elas carregam sempre consigo, e que haviam espalhado, germinaram na terra; e até sem apodrecer.

Enfim, há algum tempo lhes deu vontade de ir em peregrinação a Roma, disfarçadas e anônimas, por medo da Inquisição. Logo de chegada, dirigiram-se ao cozinheiro do papa Ganganelli – Clemente XIV. Sabiam que era o menos ocupado cozinheiro de Roma. Pode-se até dizer que era, depois de vossos confessores, o homem mais folgado da sua profissão.

Esse homem, depois de ter servido às duas peregrinas uma refeição quase tão frugal quanto a do papa, levou-as à presença de Sua Santidade, a quem encontraram lendo os Pensamentos de Marco Aurélio. O papa reconheceu os disfarces e beijou-as cordialmente, apesar da etiqueta.

“— Minhas Senhoras, se eu pudesse imaginar que estavam neste mundo, ter-lhes-ia feito a primeira visita.”

Após os cumprimentos, trataram de negócios. Logo no dia seguinte, Ganganelli abulia a bula *In coena Domini*, um dos maiores monumentos da loucura humana, que por tanto tempo ultrajara a todos os potentados. No outro dia, tomou a resolução de destruir a companhia de Garasse, de Guiguard, de Garnet, de Busenbaum, de Malagrida, de Paulian, de Patouillet, de Nonnotte; e a Europa bateu palmas. No terceiro dia, diminuiu impostos de que o povo se queixava. Animou a agricultura e todas as artes; fez-se estimado de todos aqueles que passavam por inimigos de seu posto. Disseram então, em Roma, que não havia mais que uma nação e uma lei no mundo.

As duas peregrinas, atônitas e satisfeitas, despediram-se do papa, que lhes fez presente, não de agnus e de relíquias, mas de uma boa carruagem para continuarem a viajar. A Razão e a Verdade não tinham até então o hábito de andar a gosto.

Visitaram toda a Itália, e surpreenderam-se de encontrar, em vez do maquiavelismo, uma verdadeira emulação entre os príncipes e as repúblicas, desde Parma a Turim, para ver quem tornaria seus súditos mais honrados, mais ricos e mais felizes.

Minha filha – dizia a Razão à Verdade, – creio que o osso reinado bem

poderia começar, após tão longa prisão. Alguns dos profetas que nos foram visitar no poço devem ter sido mesmo muito poderosos em palavras e obras, para assim mudarem a face da terra. Bem vêes que tudo vem tarde. Era preciso passar pelas trevas da ignorância e da mentira antes de entrar em teu palácio de luz, de que foste escorraçada comigo durante tantos séculos. Acontecerá conosco O que aconteceu com a Natureza; esteve ela coberta de um véu, e toda desfigurada, durante inumeráveis séculos. Afinal chegou um Galileu, um Copérnico, um Newton, que a mostraram quase nua, fazendo os homens se enamorarem dela.“

Assim conversando, chegaram a Veneza. O que consideraram mais atentamente foi um procurador de S. Marcos que segurava um grande par de tesouras, diante de uma mesa toda coberta de jarras, de bicos e de plumas negras.

Ah! – exclamou a Razão, – Deus me perdoe, *lustrissimo Signor*, mas creio que essa é uma das tesouras que levava para o meu poço, quando ali me refugiei com minha filha! Como a obteve Vossa Excelência, e que faz com ela?

— *Lustrissima Signora* – respondeu o procurador, – bem pode ser que a tesoura tenha pertencido outrora a Vossa Excelência; mas foi um chamado Fra Paolo que no-la trouxe há muito, e dela nos servimos para cortar as garras da Inquisição, que vedes espalhadas sobre esta mesa.

Essas plumas negras pertenciam a harpias que vinham comer o alimento da república; nós lhes aparamos todos os dias as unhas e a ponta do bico. Se não fora essa precaução, teriam acabado por devorar tudo; nada teria sobrado para os grandes, nem para os *pregadi*, nem para os cidadãos.

Se passardes pela França, talvez encontreis em Paris vosso outro par de tesouras, em poder de um ministro espanhol, que as empregava da mesma forma que nós em seu país, e que será um dia abençoado pelo gênero humano..

Depois de terem assistido à Ópera veneziana, partiram as duas viajantes para a Alemanha. Viram com satisfação esse país, que no tempo de Carlos Magno não passava de uma floresta imensa entrecortada de pântanos, coberto agora de cidades florescentes e tranquilas; esse país, povoado de soberanos outrora bárbaros e pobres, e agora todos polidos e magníficos; esse país, cujo sacerdócio, nos tempos antigos, só era constituído por feiticeiras, que então imolavam criaturas humanas sobre pedras grosseiramente talhadas; esse país que fora depois inundado por seu

próprio sangue, para saber ao certo se a coisa era in, cum, sub, ou não; esse país que enfim acolhia ao seio três religiões inimigas, espantadas de viver pacificamente juntas.

“Louvado seja Deus! – disse a Razão. – Essa gente veio afinal a mim, à força de demência.”

Conduziram-nas à presença de uma imperatriz muito mais que sensata, pois era generosa. Tão contentes ficaram com ela as peregrinas, que não levaram em conta alguns costumes que as chocaram; mas ambas se enamoraram do imperador seu filho.

Redobrou-lhes o espanto ao chegarem à Suécia. “Como!” – diziam, – “uma revolução tão difícil e no entanto tão rápida! tão perigosa e no entanto tão pacífica! E, desde esse grande dia, nem um só dia perdido para a prática do bem, e tudo isso na idade que é tão raramente a da razão! Bem fizemos em sair de nosso esconderijo quando esse grande acontecimento enchia de admiração a Europa inteira!”

Dali, atravessaram às pressas a Polônia. “Ah! minha mãe, que contraste! – exclamou a Verdade. – Dá-me até vontade de voltar para o poço. Eis no que dá ter esmagado sempre a mais útil porção do gênero humano e tratado aos lavradores – pior do que eles tratam aos animais que os servem! Esse caos de anarquia só podia redundar em ruína: já o haviam predito claramente. Lamento um monarca virtuoso, sábio e humano; e ousou esperar que ele seja feliz, pois os outros reis começam a sê-lo, e as vossas luzes se comunicam gradualmente.

“Vamos ver – continuou ela – uma transformação mais favorável e surpreendente. Vamos a essa imensa região hiperbórea, tão bárbara há oitenta anos e hoje tão esclarecida e invencível. Vamos contemplar aquela que cumpriu o milagre de uma nova criação...” Lá acorreram, e confessaram que não lhes haviam exagerado.

Não cessavam de admirar o quanto mudara o mundo em alguns anos. Concluíram que talvez um dia o Chile e as Terras Centrais fossem o centro da civilização e do bom gosto e que se teria de ir ao pólo antártico para aprender a viver.

Chegadas que foram à Inglaterra, disse a Verdade à sua mãe:

— Parece-me que a felicidade desta nação não é constituída como a das outras; foi mais louca, mais fanática, mais cruel e mais infeliz do que qualquer uma das que eu conheço; e eis que instituiu um governo único, no qual conservou tudo o que a monarquia tem de útil e tudo o que uma

república tem de necessário. É superior na guerra, nas leis, nas artes, no comércio. Apenas a vejo embaraçada com a América setentrional, que conquistou num extremo do universo, e com as mais belas províncias da Índia, subjugadas no outro extremo. Como carregará ela esses dois fardos da sua felicidade?

— O peso é considerável — disse a Razão, — mas, desde que ela me escute um pouco, há de encontrar alavancas que o tornarão mais leve.

Afinal a Razão e a Verdade passaram pela França, onde já haviam feito algumas aparições, tendo sido dali escorraçadas. “Não vos lembrais — dizia a Verdade à sua mãe — do grande desejo que tivemos de nos estabelecer entre os franceses nos belos dias de Luis XIV? Mas as impertinentes querelas dos jesuítas e dos jansenistas nos obrigaram a fugir em seguida. Não mais nos chegam agora os apelos contínuos do povo. Ouço as aclamações de vinte milhões de homens que abençoam os Céus. Este acontecimento, dizem uns, é tanto mais jubiloso porquanto não nos custa nada essa alegria. Bradam outros: O luxo não é mais que vaidade. Os empregos acumulados, as despesas supérfluas, os lucros extraordinários, tudo isso vai ser cortado. E têm razão. Todo e qualquer novo imposto será abolido. E nisso não têm razão: pois cumpre que cada particular pague alguma coisa em proveito da felicidade geral.

“As leis vão ser uniformes. Nada mais desejável, mas nada tão difícil. Vão ser distribuídos, aos indigentes que trabalham, e sobretudo aos pobres operários, os bens imensos de certos ociosos que fizeram voto de pobreza. Essa gente de mão-morta não mais terá, por sua vez, escravos de mão-morta. Não mais se verão esbirros de monges escorraçar da casa paterna órfãos reduzidos à mendicidade, para enriquecerem com os seus despojos a um convento no gozo de direitos senhoriais, que são os direitos dos antigos conquistadores. Não mais se verão famílias inteiras pedindo inutilmente esmola à porta do convento que as despoja. Praza aos Céus. Nada é mais digno de um rei. O rei da Sardenha acabou com esse abominável abuso, Queira Deus que esse abuso seja exterminado em França.

“Não ouvis, minha mãe, todas essas vozes que dizem: Os casamentos de cem mil famílias úteis ao Estado não mais serão considerados concubinagens; e os filhos não mais serão declarados bastardos pela lei? A natureza, a justiça e vós, minha mãe, tudo reclama para esse assunto um sábio regulamento, que seja compatível com o repouso do Estado e com os direitos de todos os homens,

“Tornar-se-á a profissão de soldado tão digna que ninguém mais será tentado a desertar. A coisa é possível mas delicada.

“As pequenas faltas não serão punidas como grandes crimes, pois que em tudo é preciso proporção. Uma lei bárbara, obscuramente enunciada, mal interpretada não mais fará perecer nas barras de ferro e nas chamas a jovens indiscretos e imprudentes, como se tivessem assassinado os próprios pais.

Deveria ser este o primeiro axioma da justiça penal.

“Não mais serão confiscados os bens de um pai de família, pois os filhos não devem morrer de fome por causa das faltas dos pais, e o rei não tem nenhuma necessidade desse miserável confisco. Maravilhoso! Isso é digno da magnanimidade do soberano.

“A tortura, Inventada outrora pelos ladrões de estrada para forçar as vítimas a revelar seu tesouro, e empregada hoje em pequeno número de nações, para salvar o culpado robusto e perder o inocente fraco de corpo e de espírito, só será utilizada nos crimes de lesa-sociedade, na pessoa do chefe, e somente para conseguir a revelação dos cúmplices. Mas tais crimes jamais serão cometidos. Nada melhor. Eis os votos que ouço por toda parte, e escreverei todas essas grandes mudanças nos meus anais, eu que sou a Verdade.

“Ouço ainda proferir em torno de mim, em todos os tribunais, estas palavras notáveis: Não citaremos jamais os dois poderes, pois só pode existir um: o do, rei, ou da lei, em uma monarquia; o da nação, em uma república. O poder divino é de natureza tão diferente, tão superior, que não deve ficar comprometido por uma mescla profana com as leis humanas. O infinito não se pode juntar ao finito. Gregório VII foi quem primeiro ousou chamar o infinito em seu auxílio, nas suas guerras, até então inauditas, contra Henrique IV, imperador demasiado finito; quero dizer: limitado. Por muito tempo essas guerras ensangüentaram a Europa; mas, afinal separaram essas entidades veneráveis, que nada têm em comum: e é o único meio de garantir a paz.

“Essas coisas, que proferem todos os ministros das leis, me parecem assaz fortes. Sei que não se reconhecem dois poderes nem na China, nem na Índia, nem na Pérsia, nem em Constantinopla, nem em Moscou, nem em Londres, etc... Mas fio-me em vós, minha mãe. Nada escreverei que não me seja ditado por vós.”

Respondeu-lhe a Razão:

— Bem vês, minha filha, que eu sinto mais ou menos as mesmas coisas, e muitas outras. Tudo isso demanda tempo e reflexão. Sempre fiquei muito contente quando, em meio às minhas dores, consegui parte do alívio que desejava.

“Não te lembras do tempo em que quase todos os reis da terra, estando em completa paz, se divertiam em decifrar enigmas, e em que a bela rainha de Sabá ia em pessoa propor logogrifos a Salomão?”

— Sim, minha mãe; bom tempo aquele, mas não durou muito.

Pois bem – tornou a mãe, – este é infinitamente melhor; só se pensava então em mostrar um pouco de espírito; e vejo que há dez ou doze anos os europeus se vêm empenhando nas artes e virtudes que abrandam a amargura da vida. Parece que em geral se combinaram para pensar mais solidamente do que o haviam feito durante milhares de séculos. Tu, que nunca pudeste mentir, dize-me que tempo terias preferido ao presente para morar na França.

— Tenho a reputação – respondeu a filha – de gostar de dizer coisas assaz duras às pessoas entre as quais me encontro; mas confesso que só tenho a louvar o tempo presente, a despeito de tantos autores que só louvam o passado.

“Devo atestar à posteridade que foi nesta época que os homens aprenderam a garantir-se de uma doença terrível e mortal, tornando-a menos funesta na transmissão; a restituir à vida aqueles que a perdem por afogamento; a governar e desafiar ao raio; a prover ao ponto fixo que em vão se deseja do ocidente ao oriente. Muito mais se fez em moral. Ousou-se pedir justiça às leis contra leis que haviam, condenado a virtude ao suplício; e essa justiça foi algumas vezes obtida. Ousou-se, enfim, pronunciar o nome da tolerância.”

— Pois bem, minha filha, gozemos destes belos dias; fiquemos por aqui, se durarem; e, se vierem tempestades, voltemos a nosso poço.

O CARREGADOR ZAROLHO

Os dois olhos que temos em nada melhoram a nossa condição; serve-nos um para ver os bens, e o outro para ver os males da vida. Muita gente possui o mau hábito de fechar o primeiro, e poucos fecham o segundo; eis por que há tantas pessoas que prefeririam ser cegos a ver, tudo o que vêem. Felizes os zanolhos que só são privados desse olho mau que estraga tudo quanto a gente olha! Era o caso de Mesrour.

Seria preciso ser cego para não ver que Mesrour era zanolho. Era-o de nascença; mas era um zanolho tão satisfeito com a sua condição que jamais se lembrara de desejar outro olho. Não eram os dons da fortuna que o consolavam dos malefícios da natureza, pois não passava de um simples carregador e não tinha outro tesouro senão os seus ombros; mas era feliz, e mostrava que mais um olho e menos trabalho pouco contribuem para a felicidade. O dinheiro e o apetite lhe vinham sempre em proporção com o exercício que fazia; trabalhava de manhã, comia e bebia de tarde, dormia de noite, e considerava cada dia como uma vida à parte, de modo que a preocupação do futuro jamais lhe perturbava o gozo do presente. Era (como o vedes) ao mesmo tempo zanolho, carregador e filósofo.

Viu por acaso passar numa suntuosa carruagem uma grande princesa que tinha um olho mais do que ele, o que não o impediu de achá-la muito bela, e, como os zanolhos não diferem dos outros homens senão em que têm um olho de menos, apaixonou-se perdidamente pela princesa. Dirão talvez que, quando se é carregador e zanolho, o melhor é a gente não se apaixonar, principalmente por uma grande princesa e, o que é mais, uma princesa que tem dois olhos; no entanto, como não há amor sem esperança, e como o nosso carregador amava, ousou esperar.

Tendo mais pernas que olhos, e boas pernas, seguiu durante quatro léguas o carro da sua deusa, que seis grandes cavalos brancos puxavam velozmente. Era moda, naqueles tempos, entre as damas, viajar sem lacaios e sem cocheiro, conduzindo elas próprias o carro; queriam os maridos que elas andassem sempre sozinhas, para ficar mais seguros da sua virtude; o que é diametralmente oposto ao parecer dos moralistas, que dizem que não há virtude na solidão.

Mesrour continuava a correr junto às rodas do carro, voltando seu olho bom na direção da dama, espantada de ver um zanolho com tamanha agilidade. Enquanto ele provava assim o quanto se é infatigável quando se ama, um animal selvagem, perseguido por caçadores, atravessou a estrada, espantando os cavalos, que tomaram o freio nos dentes e já arrastavam a bela para um precipício. Seu novo apaixonado, ainda mais assustado do que ela, embora a princesa o estivesse bastante, cortou as correias com maravilhosa habilidade; somente os seis cavalos deram o salto mortal, e a dama, que não estava menos branca do que eles, apenas passou por um grande susto.

— Quem quer que sejas – disse-lhe ela; – jamais esquecerei que te devo a vida; pede-me o que quiseres: tudo o que tenho está a teu dispor.

— Ah! com muito mais razão – respondeu Mesrour – posso eu oferecer-vos outro tanto; mas, assim fazendo, sempre vos oferecerei menos; pois só tenho um olho, e vós tendes dois; mas um olho que vos contempla vale mais que dois olhos que não vêem os vossos.

A dama sorriu: pois as galanterias de um zanolho são sempre galanterias; e as galanterias sempre fazem sorrir.

— Eu desejaria dar-te um outro olho – disse ela – mas só a tua mãe podia dar-te esse presente; mas continua a acompanhar-me.

Dizendo essas palavras, desce ela do carro e prossegue o caminho a pé; seu cãozinho também desceu e marchava ao lado da dona, ladrando para a estranha figura do seu escudeiro. Faço mal em lhe dar o título de escudeiro, porque, por mais que ele lhe oferecesse o braço, não quis a dama aceitá-lo, sob o pretexto de que o braço estava muito sujo; e ides ver agora como a princesa foi vítima de seu próprio asseio. Tinha ela uns pequeninos pés, e uns sapatinhos ainda menores, de maneira que não era feita para longas caminhadas, nem estava devidamente calçada para isso.

Lindos pezinhos consolam de ter pernas débeis, quando se passa a vida numa espreguiçadeira, em meio de uma porção de peralvilhos; mas de que servem sapatos bordados e lantejoulados em um caminho pedregoso, onde só podem ser vistos por um carregador e, ainda por cima, por um carregador que só tem um olho?

Melinade (é este o nome da dama, que tive minhas razões para calar até agora, visto que ainda não fora inventado), Melinade avançava como podia, amaldiçoando o seu sapateiro, escorchando os pés, e dando um mau jeito a cada passo. Fazia hora e meia que ela marchava como as grandes damas,

isto é, já fizera perto de um quarto de légua, quando tombou de fadiga.

Mesrour, cujos serviços ela recusara enquanto estava de pé, hesitava em lho oferecer, por medo de a macular com o seu contato; pois bem sabia que não estava limpo (a dama claramente lho dera a entender), e a comparação que fizera em caminho entre a sua pessoa e a da sua amada ainda lho mostrava com maior clareza. Tinha ela um leve vestido cor de prata, semeado de guirlandas, que lhe ressaltava a beleza do talhe; e ele, um blusão pardacento, todo manchado, rasgado e remendado, e de tal maneira que os remendos ficavam ao lado dos buracos e não por baixo, onde estariam mais no seu lugar. Havia comparado as suas mãos musculosas e cobertas de calos com as duas pequenas mãos mais brancas e delicadas do que lírios. Vira enfim os lindos cabelos loiros de Melinade, que se entremostravam através de um véu de gaze, penteados em tranças e cachos; e ele, para colocar ao lado disso, não tinha mais que umas eriçadas crinas negras, cujo único ornamento era um turbante roto.

No entanto Melinade tenta erguer-se, mas tomba em seguida, e tão desastrosamente, que o que ela deixou ver a Mesrour tirou-lhe o pouco de razão que a vista de seu rosto pudera deixar-lhe. Esqueceu que era carregador, que era zarolho, e não mais pensou na distância que a fortuna pusera entre ambos; mal se lembrou que amava, pois faltou à delicadeza que dizem inseparável de um verdadeiro amor, e que às vezes lhe constitui o encanto, e muitas vezes o aborrecimento; serviu-se dos direitos à brutalidade que lhe dava a sua condição de carregador; foi brutal e feliz. A princesa, então, estava, sem dúvida desmaiada, ou lamentava a sua sorte; mas, como tinha um espírito justo, abençoava decerto o destino pelo fato de todo infortúnio trazer consigo o seu próprio consolo.

A noite estendera os véus no horizonte, e ocultava na sua sombra a verdadeira felicidade de Mesrour e a pretensa desgraça de Melinade; Mesrour desfrutava os prazeres dos perfeitos amantes, e desfrutava-os como carregador, quer dizer (para vergonha da humanidade) da maneira mais perfeita; os desmaios de Melinade voltavam-lhe a cada momento, e a cada momento o seu amante recuperava forças.

— Poderoso Maomé – disse ele uma vez, como homem arrebatado, mas como péssimo católico, – só o que falta à minha felicidade é ser sentida por aquela que a causa; enquanto estou no teu paraíso, divino profeta, concede-me ainda um favor, o de ser para os olhos de Melinade o que ela seria para os meus olhos, se houvesse luz.

Acabou de rezar e continuou a gozar. A aurora, sempre demasiado diligente para os amantes, surpreendeu a ambos na atitude onde ela própria poderia ter sido surpreendida um momento antes, com Titono. Mas qual não foi o espanto de Melinade quando, abrindo os olhos aos primeiros raios do dia, viu-se num lugar encantado, com um homem de nobre estrutura, cujo rosto se assemelhava ao astro cuja volta a terra aguardava! Tinha faces de rosa, lábios de coral; seus grandes olhos, ao mesmo tempo ternos e vivos, exprimiam e inspiravam volúpia; seu carcaz de ouro, ornado de pedrarias, pendia-lhe do ombro e só o prazer fazia ressoar as suas flechas; sua longa cabeleira, presa por um atilho de diamantes, flutuava-lhe livremente sobre os rins, e um tecido transparente, bordado de pérolas lhe servia de veste, sem nada ocultar da beleza do seu corpo.

— Onde estou, e quem és — exclamou Melinade no auge da surpresa.

— Estais — respondeu ele — com o miserável que teve a ventura de vos salvar a vida, e que tão bem cobrou o seu trabalho.

Melinade, tão satisfeita quanto espantada, lamentou que a metamorfose de Mesrour não tivesse começado mais cedo. Aproxima-se de um magnífico palácio que lhe atraía o olhar e lê esta inscrição na porta: “Afastai-vos, profanos; estas portas só se abrirão para o senhor do anel.” Mesrour aproxima-se por sua vez para ler a mesma inscrição, mas viu outros caracteres e leu estas palavras: “Bate sem receio.” Bateu, e em seguida as portas se abriram por si mesmas com fragor. Os dois amantes entraram, ao som de mil vozes e de mil instrumentos, num vestíbulo de mármore de Paros; dali passaram para uma sala soberba, onde os esperava há mil duzentos e cinquenta anos um festim delicioso, sem que nenhum dos pratos houvesse esfriado: puseram-se à mesa e foram servidos cada um por mil escravas da maior formosura; a refeição foi entremeada de concertos e danças; e, quando terminou, todos os gênios vieram, na maior ordem, em diferentes grupos, com vestuários tão suntuosos quão singulares, prestar juramento de fidelidade ao senhor do anel, e beijar o dedo sagrado que o carregava.

Ora, havia em Bagdad um muçulmano muito devoto que, não podendo ir lavar-se na mesquita, fazia a água da mesquita vir à sua casa, mediante uma pequena retribuição que pagava ao sacerdote. Acabava ele de fazer a quinta ablução, a fim de se preparar para a quinta prece. E a sua criada, rapariga estouvada e muito pouco devota, desembaraçou-se da água santa lançando-a pela janela. A água caiu sobre um infeliz profundamente adormecido

junto a um marco que lhe servia de apoio. Acordou-se com o choque. Era o pobre Mesrour que, voltando do seu passeio encantado, perdera na viagem o anel de Salomão. Deixara as soberbas vestes e retomara o seu blusão; seu belo carcaz de ouro havia-se transformado num porta-fardos de madeira e, para cúmulo da desgraça, tinha deixado um dos olhos no caminho. Lembrou-se então de que bebera na véspera grande quantidade de aguardente, que lhe adormantara os sentidos e aquecera a imaginação. E Mesrour, que até aquele instante amara essa bebida por gosto, começou a amá-la por gratidão, e voltou alegremente ao trabalho, resolvido a empregar o salário daquele dia na aquisição dos meios para tornar a ver a sua querida Melinade. Qualquer outro ficaria desolado de ser um mísero zarolho depois de ter tido dois lindos olhos; de sofrer as recusas das varredeiras do palácio depois de haver gozado os favores de uma princesa mais bela do que as amantes do califa; e de estar a serviço de todos os burgueses de Bagdad depois de haver reinado sobre todos os gênios; mas Mesrour não possuía o olho que vê o lado mau das coisas.

COSI-SANCTA

UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM

Novela Africana

É uma das tantas máximas falsamente acreditadas, essa de que não é permitido fazer um pequeno mal de que possa resultar um bem maior. Mas era assim que pensava Santo Agostinho, como se pode depreender da narrativa desta pequena aventura acontecida na sua diocese, sob o proconsulado de Septímio Acindino, e que vem no livro da Cidade de Deus.

Havia em Hipona um velho cura, grande inventor de confrarias, confessor de todas as raparigas da vizinhança, e que passava por homem inspirado de Deus, pois costumava deitar sortes, ofício de que se desempenhava assaz passavelmente.

Levaram-lhe um dia uma jovem chamada Cosi-Sancta; era a mais bela criatura da província. Tinha pais jansenistas que a haviam educado nos princípios da mais rígida virtude; e, de todos os pretendentes que tivera, não houvera um só que lhe causasse um momento de distração nas suas preces. Fazia alguns dias que fora ela prometida a um velhote encarquilhado, chamado Capito, conselheiro do presidial de Hipona. Era um homenzinho brusco e rabugento a quem não faltava inteligência, mas que era ríspido de conversação, escarninho, e amante de brincadeiras de mau gosto; e, de resto, ciumento como um veneziano, e que por nada no mundo se teria conformado em ser amigo dos galanteadores da esposa. A jovem criatura fazia o possível para amá-lo, pois que ele deveria ser seu marido; mas por maior boa-fé com que se empenhasse em tal coisa não conseguia nada.

Foi pois consultar o seu cura para saber se seria feliz no casamento. O nosso padre disse-lhe num tom profético:

Minha filha, a tua virtude causará desgraças, mas serás um dia canonizada por teres sido três vezes infiel a teu esposo.

Esse espantoso oráculo scandalizou cruelmente a inocência da bela rapariga. Ela pôs-se a chorar; depois pediu explicações, julgando que tais palavras ocultavam, algum sentido místico; mas a única explicação que

conseguiu foi que as três vezes não deviam ser interpretadas como três encontros com o mesmo amante, mas sim como três aventuras diferentes.

Cosi-Sancta pôs-se então aos gritos; chegou até a dizer algumas injúrias ao bom do cura, e jurou que nunca seria canonizada. E no entanto o foi, como já ides ver.

Casou-se pouco depois: as núpcias foram esplêndidas; ela suportou muito bem todos os maus discursos que teve de ouvir, todos os trocadilhos sem graça, todas as grosserias mal disfarçadas com que costumam constranger o pudor das noivas. Dançou de bom grado com alguns jovens muito bem parecidos e com os quais o marido não simpatizou absolutamente.

E foi deitar-se ao lado do pequeno Capito, com um pouco de repugnância. Passou boa parte da noite a dormir; e acordou-se muito pensativa. Mas o assunto das suas cismas não era tanto o marido, e sim um jovem chamado Ribaldos, que lhe tomara conta do pensamento, sem que ela propriamente o suspeitasse. Esse jovem parecia formado pelas mãos do Amor, de quem tinha as graças, a ousadia e o espírito travesso; era um pouco indiscreto, mas só com aquelas que no fundo assim queriam: era a coqueluche de Hipona. Incompatibilizara todas as mulheres da cidade umas com as outras e, por sua vez, estava incompatibilizado com todos os maridos e todas as mães. Amava, de ordinário, por estouvamento, e um pouco por vaidade; mas amou Cosi-Sancta por gosto, e tanto mais perdidamente quanto mais difícil se lhe antolhava a conquista.

Como homem de espírito que era, aplicou-se de início em agradecer ao marido. Fazia-lhe mil cumprimentos, felicitava-o por sua boa fisionomia e seu espírito arejado e galante. Perdia para ele no jogo, e todos os dias lhe fazia alguma pequena confidência. Cosi-Sancta achava-o a criatura mais amável do mundo. Já o amava mais do que supunha; era verdade que não o suspeitava, mas o marido suspeitou por ela. Embora tivesse todo o amor-próprio que um homenzinho possa ter, não deixou de desconfiar que as visitas de Ribaldos não eram somente para ele. Rompeu com este sob qualquer pretexto, e proibiu-lhe a entrada em casa.

Cosi-Sancta ficou muito aborrecida, mas não ousou dizê-lo; e Ribaldos, cujo amor crescera com as dificuldades, passava todo o tempo a espiar uma oportunidade para a ver. Disfarçou-se de monge, de vendedora de roupas, de apresentador de títeres. Mas não fez o bastante para triunfar de sua amada, e fez demasiado para que não fosse reconhecido pelo esposo. Se

Cosi-Sancta estivesse em combinação com ele, saberiam ambos como tomar as necessárias medidas para que o marido nada suspeitasse; mas, visto que ela combatia as suas inclinações, e nada tinha a censurar-se, salvava tudo, fora as aparências, e o marido a julgava culpabilíssima.

O homenzinho, que era muito colérico e que imaginava que a sua honra dependia da fidelidade da mulher, ultrajou-a cruelmente, e puniu-a pelo fato de a acharem bela. E Cosi-Sancta se viu na mais horrível situação em que possa estar uma mulher: acusada injustamente e maltratada por um marido a quem era fiel, e dilacerada por uma paixão violenta que procurava dominar.

Achou que, se o seu apaixonado parasse com as perseguições, poderia o marido parar com as injustiças, e que ela se daria por muito feliz curando-se de um amor que nada mais alimentava. Nessa intenção, aventurou-se a escrever a Ribaldos a seguinte carta:

Se tendes virtude, deixai de tornar-me infeliz: vós me amais, e o vosso amor me expõe às suspeitas e às violências de um senhor que eu me impus para o resto da vida. Quem dera que fosse esse o único risco em que eu incorro! Por piedade, deixai de perseguir-me; conjuro-vos a isso por este mesmo amor que constitui vossa desgraça e a minha, e que jamais vos poderá fazer feliz.

Não previra a pobre Cosi-Sancta que uma carta tão terna, embora tão virtuosa, causasse um efeito inteiramente contrário ao que esperava. Só serviu para inflamar mais do que nunca o coração de seu enamorado, que resolveu expor a vida para avistar-se com ela..

Capito, que era assaz tolo para querer ser informado de tudo e que tinha bons espiões, foi avisado de que Ribaldos se disfarçara em carmelita pedinte para ir implorar caridade à sua mulher. Julgou-se perdido: imaginou que um hábito de carmelita era muito mais perigoso que qualquer outro para a honra de um marido. Contratou alguns homens para darem uma sova no irmão Ribaldos, no que foi muito bem servido. O jovem, ao entrar na casa, foi recebido pelos tais senhores: por mais que bradasse que era um honrado carmelita e que não era assim que se tratavam pobres religiosos, recebeu valente sova, vindo a morrer dali a quinze dias de um golpe que recebera na cabeça. Choraram-no todas as mulheres da cidade. Cosi-Sancta ficou inconsolável. O próprio Capito aborreceu-se muito, mas por outro motivo: é que se metera numa terrível situação.

Ribaldos era parente do procônsul Acindino. Quis esse romano dar um

castigo exemplar àquele assassínio, e, como outrora tivera algumas questões com o presidia de Hispano, não se incomodou em achar tal pretexto para enforçar um conselheiro; e ainda mais se agradou de que a sorte coubesse a Capito, que era na verdade o mais vaidoso e insuportável togado da região.

Cosi-Sancta vira pois assassinar o seu apaixonado, e estava prestes a ver enforcarem o marido; e tudo isso por ter sido virtuosa. Porque, como já disse, se houvesse concedido seus favores a Ribaldos, o marido teria sido muito menos enganado.

Eis como se cumprira a metade da predição do cura. Cosi-Sancta lembrou-se então do oráculo, e muito se arreceou de cumprir o resto. Mas, tendo refletido que não se pode vencer o destino, entregou-se à Providência, que a levou ao fim pelos mais honestos caminhos do mundo.

O procônsul Asinino era um homem mais debochado que voluptuoso, que muito pouco se divertia nas preliminares, um sujeito brutal, sem cerimônias, verdadeiro herói de guarnição, muito temido na província, e com quem todas as mulheres de Hispano haviam tido um caso, unicamente para evitar complicações.

Mandou chamar a senhora Cosi-Sancta. Ela chegou banhada em lágrimas, o que não deixava de lhe aumentar os encantos.

— Vosso marido, Senhora, vai ser enforcado, e só de vós depende a sua salvação.

— Eu daria a minha vida pela sua – respondeu-lhe a dama.

— Ha! mas não é isso que se vos pede – replicou o procônsul.

— Que é preciso então fazer? – indagou ela.

— Desejo apenas unia de vossas noites – tornou o procônsul.

— Elas não me pertencem – disse Cosi-Sancta. – São um bem de meu marido. Darei meu sangue para salvá-lo, mas não posso dar a minha honra.

— Mas se vosso marido consentir? – perguntou o procônsul.

— Ele é o proprietário – respondeu a dama – e cada qual tem o direito de dispor dos seus bens como lhe aprouver. Mas conheço meu marido, não abrirá mão de nada; é um sujeitinho cabeçudo, que preferirá deixar-se enforçar a permitir que me toquem com um dedo.

— É o que veremos – disse o juiz, encolerizado.

Imediatamente manda chamar o criminoso; propõe-lhe ou a forca ou um par de ornamentos: não havia outra alternativa. O homenzinho começou com coisas. Mas afinal fez o que qualquer outro teria feito no seu lugar. Sua

esposa, por pura caridade, salvou-lhe a vida. E foi essa a primeira das três vezes.

No mesmo dia o seu filho caiu doente de uma enfermidade assaz extraordinária e que nenhum médico de Hipona conhecia. Só havia um que estava a par dos segredos dessa doença, mas que morava em Áquila, a algumas léguas de Hipona. Era então proibido que um médico estabelecido numa cidade saísse desta para ir exercer em outra a sua profissão. Cosi-Sancta viu-se obrigada a ir procurá-lo pessoalmente em Áquila, com um irmão que tinha e a quem estimava muito. No caminho foi detida por salteadores. O chefe dos referidos cavalheiros achou-a muito bonita. E, como o irmão de Cosi-Sancta estava prestes a ser morto, aproximou-se e disse-lhe que, se ela tivesse um pouco de complacência, não lhe matariam o irmão e que isso afinal não lhe custaria nada. A coisa era urgente. Cosi-Sancta acabava de salvar a vida do marido, a quem não amava; ia perder um irmão a quem estimava muito; por outro lado, alarmava-a o perigo de seu filho; não havia um minuto a perder. Ela encomendou-se a Deus, e fez tudo o que quiseram. E foi essa a segunda das três vezes.

No mesmo dia chegou em Áquila e foi ter com o médico. Era um desses médicos da moda que as mulheres mandam chamar quando têm vapores ou quando não têm absolutamente nada. Era confidente de umas e amante de outras; homem polido, condescendente, um pouco estremecido aliás com a Faculdade, contra a qual fizera a propósito uns bem aplicados gracejos.

Cosi-Sancta lhe expôs a doença do filho e ofereceu-lhe um sestércio grande. (E notai que um desses sestércios corresponde, em moeda de França, a mais de mil escudos.)

— Não é. com essa moeda que eu pretendo ser pago, Senhora — respondeu o galante médico. — Eu próprio vos ofereceria todos os meus haveres, se quisésseis cobrar as curas que podeis fazer: curai-me apenas do mal que me causais, e eu devolverei a saúde a vosso filho. -

A proposta pareceu extravagante à dama, mas o destino a acostumara às coisas mais estranhas. O médico era um teimoso que não queria outro preço pelo seu remédio. Cosi-Sancta não tinha o marido à mão, para o consultar. Mas como deixar morrer um filho a quem adorava, por falta daquele pequeno auxílio que ela lhe poderia dar?! Era tão boa mãe quanto boa irmã. Comprou o remédio pelo preço que lhe pediram. E foi essa a última das três vezes.

Voltou a Hipona com o irmão, que não cessava de agradecer-lhe, durante

o caminho, a coragem com que lhe salvara a vida.

Assim Cosi-Sancta, por ter sido, demasiado virtuosa, fez morrer o seu amado e condenar o marido à morte, e, por ter sido complacente, conservou os dias do irmão, do filho e do marido. Acharam que uma mulher como essa era muito necessária em uma família, canonizaram-na após a morte, por ter feito tanto bem a seus parentes, mortificando-se, e gravaram-lhe no túmulo: UM PEQUENO MAL POR UM GRANDE BEM

©2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Breves Contos

2



VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Breves Contos II
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

Copyright:
Domínio Público

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

BIOGRAFIA DO AUTOR

MEMNON

OU A SABEDORIA HUMANA

OS DOIS CONSOLADOS

HISTÓRIA DAS VIAGENS DE SCARMENTADO

ESCRITA POR ELE PRÓPRIO

HISTÓRIA DE UMBRÂMANE

BREVES CONTOS II



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Selecionamos, aqui, quatro contos em que Voltaire discute questões fundamentais do conhecimento e comportamento humanos, com a sua habitual profundidade filosófica. Como sempre, as críticas severas, a ironia e o sarcasmo estão presentes. Costumes, crenças, autoridades são todos ridicularizados.

“Memnon” relata a história de um homem que teve a ousadia de se tornar perfeito. Voltaire, com todo o seu sarcasmo, demonstra o quão insensata é essa tentativa.

“Os Dois Consolados” é um pequeno apólogo, onde o autor mostra como se é possível ficar consolado dos problemas da vida, analisando-se as dores ainda maiores de outros. Sem dúvida, extremamente irônico.

Em “História das Viagens de Scarmentado” o herói viaja por inúmeros países, mostrando que os homens são os mesmos em todos os cantos da terra.

“História de um Brâmane” (1759), se desenvolve explorando contrastes com que Voltaire consegue desmoralizar a especulação metafísica. O brâmane é um dos personagens preferidos do autor, presente em quase todas as suas obras.

São textos que merecem ser lidos, nos ensinam, fazem-nos pensar e, principalmente, sorrir.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a *Henriade* quase terminada e com o esboço do *OEdipe*. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia *OEdipe* foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: *Artemise* (1720), *Marianne* (1725) e o *Indiscret* (1725).

Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou *Brutus* (1730), *Eriphyle* (1732), *Zaïre* (1732), *La Mort de César* (1733) e *Adélaïde Duguesclin* (1734). Datam da mesma época suas *Lettres Philosophiques* ou *Lettres Anglaises*, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os *Eléments de la Philosophie de Newton* (1738), além de *Alzire*, *L'Enfant Prodigue*, *Mahomet*, *Mérope*, *Discours sur l'Homme*, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito:

as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

MEMNON OU A SABEDORIA HUMANA

Memnon concebeu um dia o insensato projeto de ser perfeitamente sábio. Não há homem a quem essa loucura não tenha ocorrido alguma vez.

“Para ser bastante sábio, e por conseguinte bastante feliz, – considerou Memnon, – basta não ter paixões; e nada é mais fácil, como se sabe. Antes de tudo, jamais amarei mulher nenhuma: pois, ao ver uma beleza perfeita, direi comigo mesmo: “Essas faces se enrugarão um dia; esses belos olhos se debruarão de vermelho; esses rijos seios se tornarão flácidos e pendentes; essa linda cabeça perderá os cabelos”. É só olhá-la agora com os olhos com que a verei então, e essa cabeça não há de virar a minha.

Em segundo lugar, serei sóbrio. Por mais que seja tentado pela boa mesa, os vinhos deliciosos, a sedução da sociedade, bastará imaginar as conseqüências dos excessos, a cabeça pesada, o estômago arruinado, a perda da razão, da saúde e do tempo: apenas comerei por necessidade; minha saúde será sempre igual, minhas idéias sempre puras e luminosas. Tudo isso é tão fácil que não há nenhum mérito em consegui-lo.

“Depois” – dizia Memnon, – “devo pensar um pouco na minha fortuna. Meus desejos são moderados; meus bens estão solidamente colocados em mãos do recebedor geral das finanças de Nínive; tenho com que viver independentemente; é esse o maior dos bens. Nunca me verei na cruel necessidade de freqüentar a Corte: não invejarei ninguém, e ninguém me invejará. Eis o que é também bastante fácil. Tenho amigos – continuava ele – e hei de conservá-los, pois nada terão que me disputar. Nunca me indisporei com eles, nem eles comigo. Isso não tem dificuldade alguma”.

Tendo assim feito no interior do quarto o seu pequeno plano de sabedoria, Memnon pôs a cabeça à janela. Viu duas mulheres que passeavam debaixo dos plátanos, perto da sua casa. Uma era velha e não aparentava pensar em nada. A outra era jovem, bonita, e parecia muito preocupada. Suspirava, chorava, e com isso não fazia mais que aumentar as suas graças. O nosso filósofo sentiu-se impressionado, não com a beleza da dama (estava seguro de não se entregar a tais fraquezas), mas com a aflição em que a via. Desceu à rua e abordou a jovem, com a intenção de consolá-

la sabiamente. A linda criatura contou-lhe, com o ar mais ingênuo e comovente do mundo, todo o mal que lhe causava um tio que ela não tinha; com que artimanhas lhe roubara ele uns bens que ela jamais possuía; e tudo o que tinha a temer da sua violência. “O senhor me parece um homem tão avisado – lhe disse ela, – que, se tivesse a bondade de acompanhar-me até em casa e examinar meus negócios, estou certa de que me tiraria do cruel embaraço em que me encontro”. Memnon não hesitou em segui-la para examinar sabiamente os seus negócios e dar-lhe um bom conselho.

A dama aflita levou-o para um salão perfumado e fê-lo sentar-se polidamente num largo sofá, onde se mantinham ambos, com as pernas cruzadas, um defrontando o outro. A dama falou baixando os olhos, de onde escapavam lágrimas de vez em quando e que, ao erguerem-se, cruzavam sempre com os olhares do sábio Memnon. As frases dela eram cheias de um enternecimento que redobrava sempre que os dois se olhavam. Memnon tomava os seus negócios extremamente a peito, e de momento a momento sentia maior desejo de socorrer a uma criatura tão honesta e tão desgraçada. No calor da conversação, deixaram insensivelmente, de estar um defronte ao outro. As suas pernas descruzaram-se. Memnon aconselhou-a de tão perto, deu-lhe conselhos tão ternos, que nenhum dos dois podia falar de negócios, e não sabiam mais onde se achavam.

E, como se achassem em tal ponto, eis que chega o tio, como era de prever; estava armado da cabeça aos pés; e a primeira coisa que disse foi que ia matar, como de razão, o sábio Memnon e a sobrinha; a última que lhe escapou foi que ainda poderia perdoar aquilo tudo mediante considerável quantia. Memnon foi obrigado a entregar tudo o que tinha consigo. Davam-se por muito felizes, naquele tempo, em livrar-se tão modicamente; a América ainda não tinha sido descoberta e as damas aflitas não eram tão perigosas como hoje.

Memnon, envergonhado e desesperado, voltou para casa: encontrou um bilhete que o convidava para jantar com alguns amigos íntimos. “Se fico sozinho em casa – considerava ele, – terei o espírito preocupado com a minha triste aventura, não poderei comer, e acabo adoecendo. É melhor ir fazer, com meus íntimos, uma refeiçãozinha frugal. Esquecerei, na doçura do seu convívio, a tolice que fiz esta manhã”. Comparece à reunião; acham-no um pouco taciturno. Obrigam-no a beber para dissipar a tristeza. Um pouco de vinho tomado com moderação é um remédio para a alma e o corpo. E assim que pensa o sábio Memnon; e embebeda-se. Depois

propõem-lhe uma partida. Um joguinho entre amigos é um passatempo honesto. Ele joga; ganham-lhe tudo o que tem na bolsa, e quatro vezes mais sob palavra. No meio do jogo surge uma disputa; exaltam-se os ânimos: um de seus amigos íntimos lança-lhe à cara um copo de dados e lhe vasa um olho. Carregam para casa o sábio Memnon, embriagado, sem dinheiro, e com um olho de menos.

Cozinha um pouco o seu vinho; e, logo que se vê com a cabeça mais livre, manda o criado conseguir dinheiro com o recebedor geral das finanças de Nínive, a fim de pagar seus íntimos amigos: dizem-lhe que seu credor, pela manhã, abrira falência fraudulenta, deixando cem famílias em pânico. Memnon, consternado, dirige-se à Corte, com um emplastro no olho e um memorial na mão, para pedir justiça ao rei contra o bancarroteiro. Encontra num salão várias damas que usavam todas, comodamente, umas saias de vinte e quatro pés de circunferência. Uma delas, que o conhecia um pouco, exclamou, olhando-o de soslaio: “Ai, que horror!” Outra, que o conhecia mais, lhe disse: “Boa tarde, senhor Memnon. Verdadeiramente encantada de vê-lo, senhor Memnon. A propósito, senhor Memnon: como foi que perdeu um olho?” E passou adiante sem esperar resposta. Memnon ocultou-se a um canto, aguardando o momento em que se pudesse lançar aos pés do rei. Chegado esse momento, beijou três vezes o chão e apresentou seu memorial. Sua Graciosa Majestade o recebeu muito favoravelmente e entregou o memorial a um dos sátrapas, para informar. O sátrapa chama Memnon à parte e diz-lhe com ar altivo, rindo amargamente: “Belo caolho me saiu você, dirigindo-se ao rei e não a mim! E ainda por cima ousa pedir justiça contra um honesto bancarroteiro a quem honro com a minha proteção e que é sobrinho de uma camareira de minha amante. Quer saber de uma coisa? Abandone esse negócio, meu amigo, se pretende conservar o olho que lhe resta. Memnon, tendo assim renunciado, pela manhã, às mulheres, aos excessos da mesa, ao jogo, a qualquer discussão, e sobretudo à Corte fora, antes de chegar a noite, enganado e roubado por uma bela dama, embriagara-se, jogara, metera-se numa disputa, perdera um olho e recorrera à Corte, onde haviam zombado dele.

Petrificado de espanto, transido de dor, regressa com a morte no coração. Quer entrar em casa: ali encontra oficiais de justiça que o despejavam em nome dos credores. Detém-se quase desmaiado sob um plátano; ali se encontra com a bela dama da manhã, a passear com o

querido tio e que explodiu de riso ao ver Memnon com o seu emplastro. Tombou a noite; Memnon deitou-se na palha junto dos muros de sua casa. Veio-lhe a febre; assim adormeceu; e um espírito celeste lhe apareceu em sonhos.

Era todo resplendente de luz. Tinha seis belas asas, mas nem pés, nem cabeça, nem cauda, e não se assemelhava a coisa alguma.

— Quem és tu? – lhe diz Memnon.

— O teu bom gênio – respondeu-lhe o outro.

— Devolve-me então o meu olho, a minha saúde, o meu dinheiro, a minha sabedoria – pede-lhe Memnon.

Em seguida contou-lhe como perdera tudo aquilo em um único dia.

— Eis aí aventuras que nunca nos acontecem no mundo em que habitamos – observa o espírito.

— E em que mundo habitas? – indaga o infeliz.

— A minha pátria fica a quinhentos milhões de léguas do sol, numa pequena estréia perto de Sírio, que tu vês daqui.

— Que bela terra! – exclamou Memnon. – Quer dizer que lá não há espertalhonas que enganem um pobre homem, nem amigos íntimos que lhe ganhem o dinheiro e lhe furem um olho, nem bancarroteiros, nem sátrapas que zombem da gente, recusando-nos justiça?

— Não – respondeu o habitante da estrela, – nada disso. Nunca somos enganados pelas mulheres, porque não as temos; não nos entregamos a excessos de mesa, porque não comemos; não temos bancarroteiros, porque não existe entre nós nem ouro nem prata; não nos podem furar os olhos, porque não temos corpos à maneira dos vossos; e os sátrapas nunca nos fazem injustiça, porque na nossa estrela todos são iguais.

— Sem mulher e sem dinheiro – disse Memnon, – como passam então o tempo?

— A vigiar – respondeu o gênio – os outros globos que nos são confiados; e eu vim para consolar-te.

— Ah! – suspirava Memnon. – Por que não vieste na noite passada, para impedir-me de cometer tantas loucuras?

— Eu estava junto de Assan, teu irmão mais velho – respondeu o ente celeste. – Ele é mais digno de lástima que tu. Sua Graciosa Majestade o Rei das Índias, em cuja Corte tem a honra de servir, mandou-lhe vazar os dois olhos, devido a uma pequena indiscrição, e Assan acha-se atualmente num calabouço, com ferros nos pulsos e tornozelos.

— Mas que adianta ter um gênio na família, para que, de dois irmãos, um esteja caolho, o outro cego, um nas palhas, o outro na prisão?

— A tua sorte mudará – tornou o animal da estrela. – É verdade que serás sempre caolho; – mas, afora isso, ainda hás de ser bastante feliz, contanto que não faças o tolo projeto de ser perfeitamente sábio.

— É então uma coisa impossível de conseguir? – exclamou Memnon, suspirando.

— Tão impossível – replicou o outro – como ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso, perfeitamente feliz. Nós próprios estamos muito longe disso. Há um globo em tais condições; mas, nos cem milhões de mundos que estão esparsos pela imensidade, tudo se encadeia por gradações. Tem-se menos sabedoria e prazer no segundo que no primeiro, menos no terceiro que no segundo. E assim até o último, onde todos são completamente loucos.

— Receio muito – disse Memnon – que este nosso pequeno globo terráqueo seja precisamente o hospício do universo de que me fazes a honra de falar.

— Não tanto – respondeu o espírito, – mas aproxima-se: tudo está no seu lugar.

— Ah! – exclamou Memnon. – Bem se vê que certos poetas, certos filósofos, não têm razão nenhuma em dizer que tudo está bem.

— Pelo contrário, têm toda a razão – retrucou o filósofo das alturas, – levando-se em conta o arranjo do universo inteiro.

— Ah! só acreditarei nisso – replicou o pobre Memnon quando não for mais caolho.

OS DOIS CONSOLADOS

O grande filósofo Citófilo dizia certa vez a uma mulher desolada, e que tinha razões de sobra para isso:

A rainha da Inglaterra, filha do grande Henrique IV foi tão infeliz quanto a senhora: expulsaram-na de seus domínios; esteve prestes a naufragar numa tempestade; assistiu à morte de seu real esposo, no cadafalso.

— Lamento-a – disse a dama; e pôs--se a chorar seus próprios infortúnios.

— Mas lembre-se de Maria Stuart – insistiu Citófilo. – Ela amava muito honestamente a um bravo músico que tinha uma bela voz de baixo. O marido matou-lhe o músico à sua própria vista; e depois a sua boa amiga e parenta a rainha Elizabeth que se dizia virgem, mandou cortar-lhe o pescoço num cadafalso forrado de negro, depois de a ter conservado prisioneira durante dezoito anos.

— Cruel destino – respondeu a dama; e tornou a abismar-se na sua melancolia.

— E com certeza já ouviu falar – continuou o consolador – na bela Joana de Nápoles, aquela que foi presa e estrangulada?

— Lembro-me confusamente – respondeu a aflita senhora.:

— Pois bem, devo então contar-lhe o que aconteceu a uma outra grande princesa, a quem ensinei filosofia. Tinha ela um namorado, como acontece a todas as grandes e belas princesas. Uma vez o pai entrou-lhe no quarto e ali surpreendeu o amante, que tinha as faces em brasa e cujo olhar fulgurava como um diamante; a dama estava também muito animada de cores. A cara do jovem desagradou de tal maneira ao pai, que este lhe aplicou o mais formidável bofetão de que há memória na sua província. O amante pegou um par de tenazes e rachou a cabeça do sogro. que só agora se está curando, e ainda tem as cicatrizes do ferimento. A amante, desesperada, saltou pela janela e destroncou o pé; de maneira que hoje coxeia visivelmente, embora tenha em compensação um corpo muito bonito. O amante foi condenado à morte por haver quebrado a cabeça de tão alto príncipe. Imagine o estado em que não estava a princesa quando levavam o amante para a forca. Visitei-a durante muito tempo, enquanto ela

se achava em prisão: só me falava das suas desgraças

— Por que não quer então que eu pense nas minhas? – retrucou a dama.

— É porque não deve – replicou o filósofo. – Pois, havendo tantas e tão grandes damas com tamanhas desgraças, não lhe fica bem desesperar-se. Pense em Hécuba, pense em Niobe.

— Ah! – exclamou a dama. – Se eu tivesse vivido no tempo destas últimas, ou no de tantas belas princesas e, para as consolar, lhes contasse o senhor as minhas desgraças, acha que elas lhe dariam ouvidos?

No dia seguinte, o filósofo perdeu o seu filho único, e esteve a ponto de morrer de dor. A dama organizou então uma lista de todos os reis que haviam perdido os filhos e levou-a ao filósofo. Este a leu, achou-a bastante exata, e nem por isso chorou menos.

Três meses depois tornaram a encontrar-se, e muito se espantaram de achar-se mais alegres. E mandaram erigir uma bela estátua ao tempo, com a seguinte inscrição: ÀQUELE QUE CONSOLA.

HISTÓRIA

DAS VIAGENS DE SCARMENTADO

ESCRITA POR ELE PRÓPRIO

Nasci em 1800 na cidade de Cândia, de que meu pai era governador. Lembra-me que um poeta medíocre, e que não era mediocrementemente duro, compôs uns maus versos em meu louvor, nos quais me fazia descender de Minos em linha reta; mas, tendo meu pai caído em desgraça, fez ele outros versos, onde eu descendia apenas de Pasifaé e seu amante. Mau homem, esse Iro, e o mais aborrecido velhaco de toda a ilha.

Quando completei quinze anos, meu pai mandou-me estudar em Roma. Cheguei na esperança de aprender todas as verdades; pois até então me haviam ensinado exatamente o contrário, conforme é de uso neste mundo, desde a China até os Alpes. Monsignor Profondo, a quem fora recomendado, era um homem singular e um dos mais terríveis sábios que já houve no mundo. Quis ensinar-me as categorias de Aristóteles, e estive a ponto de me colocar na categoria de seus mignons: escapei-me a tempo. Vi procissões, exorcismos e algumas rapinas. Diziam, mas falsamente, que a signora Olímpia, pessoa de grande prudência, vendia muita coisa que não se deve vender. Estava eu numa idade em que tudo isso me parecia muito divertido. Uma jovem dama de costumes muito brandos, chamada signora Fatelo, houve por bem amar-me. Era cortejada pelo reverendo padre Poignardini e pelo reverendo padre Acomiti, jovens professores de uma ordem que não mais existe: ela os pôs de acordo, concedendo-me as suas graças; mas ao mesmo tempo corria o risco de ser excomungado e envenenado. De modo que parti, muito contente com a arquitetura de S. Pedro.

Viajei pela – França; era no tempo do reinado de Luis, o justo. A primeira coisa que me perguntaram foi se eu não queria, para o almoço uma pequena porção do marechal d’Ancre, cuja carne o povo tinha assado e que vendiam modicamente a quem pedisse.

Esse Estado era continuamente agitado de guerras civis, algumas por causa de um lugar no Conselho, outras vezes por duas páginas de

controvérsia. Fazia mais de sessenta anos que aquele fogo, ora abafado, ora soprado com violência, desolava aqueles belos climas. Eram as liberdades da igreja galicana. “No entanto – suspirava eu – esse povo nasceu tranqüilo: quem pode tê-lo assim arrebatado a seu gênio? Ele diverte-se e faz S. Bartolomeus. Venturosos os dias em que não fizer mais que divertir-se!”

Passei para a Inglaterra: as mesmas querelas excitavam ali os mesmos furores, Santos católicos tinham resolvido, a bem da Igreja, fazer saltar pelos ares, a pólvora, o rei, a família real e todo o Parlamento, e livrar a Inglaterra de tais heréticos. Mostravam-me o local onde a bem-aventurada rainha Maria, filha de Henrique VIII, mandara queimar mais de quinhentos de seus súditos. Um padre assegurou-me que era uma belíssima ação: primeiro, porque aqueles a quem haviam queimado eram ingleses; em segundo lugar, porque nunca usavam água benta e não acreditavam no buraco de S. Patrício. Espantava-se de que ainda não tivessem canonizado a rainha Maria; mas aguardava-o para breve, logo que o cardeal-sobrinho dispusesse de algum lazer.

Dirigi-me para a Holanda, onde esperava encontrar mais tranqüilidade em meio a um povo mais fleumático. Cortava-se a cabeça a um venerável ancião, quando desembarquei em Haia. Era a cabeça calva do primeiro ministro Barneveldt, o homem que mais merecera da República. Cheio de piedade, perguntei qual o seu crime e se havia traído o Estado. “Fez muito pior – respondeu-me um pregador de manto negro. – Esse homem acredita que a gente pode salvar-se pelas boas obras, tanto como pela fé. Bem vê que, a vigorarem tais opiniões, não poderia uma república subsistir, e que há necessidade de leis severíssimas para reprimir esses escândalos”. Um profundo político da terra disse-me a suspirar: “Ah! meu senhor, os bons tempos não durarão sempre; é só por acaso que este povo se mostra agora tão zeloso; o fundo de seu caráter é inclinado ao dogma abominável da tolerância; esse dia virá: é o que me faz tremer”. Quanto a mim, enquanto não chegavam esses funestos dias da moderação e da indulgência, deixei mais que depressa um país onde a severidade não era suavizada por nenhum atrativo, e embarquei para a Espanha.

A Corte estava em Sevilha; os galeões tinham chegado; tudo respirava abundância e alegria na mais bela estação do ano. Ao fim de uma alameda de laranjeiras e limoeiros, vi uma espécie de pista imensa, cercada de gradis cobertos de preciosos tecidos. O rei, a rainha, os infantes, as infantas achavam-se acomodados sob um pálio soberbo. Fronteiro a essa augusta

família, erguia-se um outro trono, mas muito mais elevado. Disse a um de meus companheiro, de viagem: “A não ser que esse trono seja reservado para Deus, não sei a quem possa servir...” Essas indiscretas palavras foram ouvidas por um bravo espanhol e me custaram bastante caro. Imaginava que fôssemos assistir a alguma cavalgada ou corrida de touro, quando o grande inquisidor surgiu naquele trono, de onde abençoou o rei e o povo.

Em seguida entrou um exército de padres, em formação de dois, brancos, negros, cinzentos, calçados, descalços, com barba, sem barba, encapuzados, sem capuz; em seguida marchava o carrasco; depois, no meio dos alguazis e dos grandes, via-se cerca de quarenta pessoas vestidas de sacos, nos quais haviam pintado diabos e chamas. Eram judeus que não tinham querido renunciar a Moisés, cristãos que tinham desposado as próprias comadres, ou que não haviam adorado a Nossa Senhora de Atocha, ou não quiseram desfazer-se de seus negócios em favor dos irmãos hieronimitas. Cantaram devotamente belas orações. Depois queimaram todos os culpados a fogo lento, com o que a família real pareceu extremamente edificada.

A noite, quando ia meter-me na cama, chegaram dois familiares da Inquisição com a santa Hermandad; beijaram-me ternamente e levaram-me, sem dizer palavra, para um calabouço muito fresco, mobiliado de uma esteira e um belo crucifixo. Fiquei ali seis semanas, ao fim das quais o reverendo padre Inquisidor me mandou pedir que lhe fosse falar: estreitou-me algum tempo entre os braços, com uma afeição toda paternal; disse-me que se sentia sinceramente aflito por ter sabido que eu estava tão mal alojado; mas que todos os apartamentos da casa se achavam ocupados e esperava que, da próxima vez, me sentisse mais a gosto. Em seguida perguntou-me cordialmente se eu não sabia por que estava lá. Disse ao reverendo que provavelmente pelos meus pecados. “Pois bem, meu caro filho, por qual pecado? Fala-me com toda a confiança”. Por mais que procurasse, não pude adivinhar: ele caridosamente me auxiliou. Até que me lembrei das minhas indiscretas palavras, de que fui remido com disciplinas e uma multa de trinta mil reales. Levaram-me a saudar o grande inquisidor: era um homem polido, que me perguntou como tinha eu achado a sua festinha. Disse-lhe que achara uma coisa deliciosa, e fui instar com meus companheiros de viagem para que deixássemos aquele país, por mais belo que fosse. Tiveram eles tempo de informar-se de todas as grandes coisas que os espanhóis haviam feito pela religião. Leram as memórias do famoso

bispo de Chispa, das quais se depreende que haviam degolado ou queimado ou afogado dez milhões de infiéis na América, a fim de os converter. Achei que o bispo exagerava; mas, ainda que se reduzisse tal sacrifício a cinco milhões de vítimas, seria igualmente admirável.

Acossava-me ainda o desejo de viajar. Contava terminar minha excursão européia pela Turquia; pusemo-nos a caminho. Propus-me não mais dar opiniões sobre as festas a que assistisse. “Esses turcos – dizia eu a meus companheiros – são incrédulos, não foram batizados e, por conseguinte, hão de ser muito mais cruéis que os reverendos padres inquisidores. Guardemos silêncio quando estivermos entre os maometanos”.

Fui, pois, ter com eles. Muito me espantei ao ver que na Turquia havia mais igrejas cristãs que em Cândia. Vi até numerosos grupos de monges, a quem deixavam rezar livremente à Virgem Maria e amaldiçoar a Maomé, estes em grego, aqueles em latim, outros em armênio. “Boa gente esses turcos!” – exclamei. Os cristãos gregos e os cristãos latinos eram inimigos mortais em Constantinopla; esses escravos perseguiam-se uns aos outros, como cães que se mordem na rua e a quem os donos separam a bastonões. O grão-vizir protegia então os gregos. O patriarca grego acusou-me de haver ceado com o patriarca latino, e eu fui condenado, em pleno divã, a cem varadas na sola dos pés, resgatáveis por quinhentos sequins. No dia seguinte, o grão-vizir foi estrangulado; e, no outro dia, o seu sucessor, que era pelo partido dos latinos, e que só foi estrangulado um mês depois, me condenou à mesma multa, por ter ceado com o patriarca grego. Vi-me na triste emergência de não freqüentar nem a Igreja grega nem a latina. Para consolar-me, tomei a meu serviço uma bela circassiana, que era a mais carinhosa das criaturas na intimidade, e a mais devota na mesquita. Uma noite; nos doces transportes do seu amor, exclamou, beijando-me: Alla, Illa, Alla; são as palavras sacramentais dos turcos: julguei que eram as do amor; exclamei também com toda a ternura: Alla, Illa, Alla. “Ah! louvado seja o Deus de misericórdia – disse-me ela. – Agora és turco”. Disse-lhe que o bendizia por me haver dado a força de um turco, e julguei-me muito feliz. De manhã, chegou o imame para circuncidar-me; e, como eu relutasse, o cádi do bairro, homem leal, propôs que me empalassem: salvei o meu prepúcio e o meu traseiro com mil sequins, e fugi sem tardança para a Pérsia, resolvido a não mais ouvir missa grega nem latina na Turquia, e a nunca mais gritar: Alla, Illa, Alla em um encontro amoroso.

Chegado a Ispaão, perguntaram-me se eu era pelo carneiro preto ou pelo

carneiro branco. Respondi que isso me era indiferente, desde que o carneiro fosse macio. Cumpre saber que as facções do Carneiro Branco e do Carneiro Preto ainda dividiam os persas. Julgaram que eu zombava dos dois partidos, de sorte que, já às portas da cidade, me vi envolvido numa violenta rixa: custou-me ainda inúmeros sequins para desembaraçar-me dos carneiros.

Fui até à China com um intérprete, que me assegurou ser esse o país onde se vivia alegre e livremente. Os tártaros agora o governavam, depois de haver . submetido tudo a ferro e fogo; e os reverendos padres jesuítas de uma parte, como os reverendos padres dominicanos da outra, diziam que ali pescavam almas para Deus, sem que ninguém o soubesse. Jamais se viram conversores tão zelosos: pois viviam a perseguir-se mutuamente; escreviam para Roma volumes e volumes de calúnias; tratavam-se de infiéis e de prevaricadores, por causa de uma alma. Havia principalmente uma horrível disputa entre eles, sobre a maneira de fazer a reverência. Queriam os jesuítas que os chineses saudassem a seus pais e mães à moda da China, e os dominicanos queriam que os saudassem à moda de Roma. Aconteceu-me ser tomado pelos jesuítas por um dominicano. Fizeram-me passar aos olhos de sua Majestade tártara por espião do Papa. O conselho supremo encarregou um primeiro mandarim, o qual deu ordem a um sargento, o qual mandou quatro esbirros do país efetuar a minha prisão e atar-me com todo o cerimonial. Fui conduzido, após cento e quarenta genuflexões, perante Sua Majestade. Fez-me perguntar se eu era espião do Papa e se era verdade que esse príncipe viria em pessoa destroná-lo. Respondi que o Papa era um sacerdote de setenta anos; que residia a quatro mil léguas de Sua Majestade tártaro-chinesa; que tinha cerca de dois mil soldados que montavam guarda com um parassol; que não destronava a ninguém, e que Sua Majestade podia dormir em paz. Foi a aventura menos funesta da minha vida. Enviaram-me para Macau, de onde embarquei rumo à Europa.

Meu navio teve necessidade de ser reparado no litoral de Golconda. Aproveitei esse tempo para ir visitar a Corte do Grande Aureng-Zeb, de quem diziam maravilhas. Achava-se ele em Delí. Tive o consolo de o fitar no dia da pomposa cerimônia durante a qual recebeu o celestial presente que lhe enviava o xerife de Meca. Era a vassoura com que haviam varrido a casa santa, a Caaba, a Beth Allah. Essa vassoura é o símbolo que varre todas as impurezas da alma. Aureng-Zeb não parecia ter necessidade desse

objeto; era o homem mais piedoso de todo o Indostão. É verdade que degolara um de seus irmãos e envenenara o próprio pai. Vinte rayas e outros tantos omrahs haviam sido mortos em suplícios; mas isso não era nada, e só se falava da devoção de Aureng-Zeb. Não o comparavam senão à Sagrada Majestade do Sereníssimo Imperador de Marrocos, Muley-Ismael, que mandava cortar cabeças todas as sextas-feiras, após a oração.

Quanto a mim, não dizia uma única palavra; as viagens me haviam formado o espírito, e eu achava que não me competia decidir entre esses dois augustos soberanos. Mas devo confessar que um jovem francês meu companheiro faltou com o respeito ao imperador das Índias e ao de Marrocos. Ocorreu-lhe dizer que havia na Europa soberanos muito piedosos que governavam bem os seus Estados, e até freqüentavam as igrejas, sem no entanto matar a seus pais e irmãos, nem degolar seus súditos. O nosso intérprete transmitiu em hindu as ímpias expressões de meu jovem amigo. Com a experiência do passado, fiz logo selarem os nossos camelos e partimos, o francês e eu. Soube depois que, na mesma noite, os oficiais do grande Aureng-Zeb tinham ido prender-nos e só encontraram o intérprete. Executaram-no em praça pública, e todos os cortesãos confessaram, sem lisonja, que a sua morte fora muito justa.

Restava-me ver a África, para gozar de todos os encantos de nosso continente. Vi-a, com efeito. Meu navio foi apresado por corsários negros. Nosso capitão fez veementes protestos; perguntou-lhes por que violavam assim as leis internacionais. “Vocês têm nariz comprido – respondeu-lhe o capitão negro – e o nosso é chato; seus cabelos são lisos, o nosso é encarapinhado; vocês têm pele cor de cinza, e nós cor de ébano; devemos, pois, pelas leis sagradas da natureza, ser sempre inimigos. Vocês nos compram, nas feiras da costa de Guiné, como a animais de carga, para nos obrigar a trabalhar em não sei que serviços tão penosos como ridículos. Fazem-nos cavar as montanhas, a golpes de nervo de boi, para extrair uma espécie de terra amarela que, por si mesma, não presta para nada, e que não vale uma boa cebola do Egito. De maneira que, quando nós os encontramos e somos os mais fortes, logo escravizamos vocês todos e os obrigamos a lavrar nossos campos, ou então lhes cortamos o nariz e as orelhas.”

Nada tínhamos que replicar a tão sábias palavras. Fui lavrar o campo de uma negra velha, para conservar minhas orelhas e meu nariz. Resgataram-me ao fim de um ano. Vira tudo o que há de belo, de bom e de admirável sobre a face do globo: resolvi não ver mais que os meus penates. Casei-me

na minha terra; ganhei um par de ornamentos, e vi que era esse o estado mais tranqüilo da vida.

HISTÓRIA DE UM BRÂMANE

Encontrei nas minhas viagens um velho brâmane, homem bastante sábio, cheio de espírito e erudição; de resto, era rico, e por isso mesmo ainda mais sábio; pois, como nada lhe faltasse, não tinha necessidade de enganar a ninguém. Seu lar era muito bem governado por três belas mulheres que porfiavam em agradar-lhe; e, quando não se divertia com elas, ocupava-se em filosofar.

Perto de sua casa, que era bonita, bem ornamentada e cercada de encantadores jardins, morava uma velha hindu carola, imbecil e muito pobre.

— Quem me dera não ter nascido! — disse-me um dia o brâmane. Perguntei-lhe por quê. — Há quarenta anos que estudo — respondeu-me — e são quarenta anos perdidos: ensino aos outros, e ignoro tudo; esse estado me enche a alma de tal humilhação e desgosto, que me torna a vida insuportável. Nasci, vivo no tempo, e não sei o que é o tempo; acho-me num ponto entre duas eternidades, como dizem os nossos sábios, e não tenho a mínima idéia da eternidade. Sou composto de matéria, penso, e nunca pude saber por que coisa é produzido o pensamento; ignoro se o meu entendimento é em mim uma simples faculdade, como a de marchar, de digerir, e se penso com a minha cabeça como seguro com as minhas mãos. Não só o princípio de meu pensamento me é desconhecido, mas também o princípio de meus movimentos: não sei por que existo. No entanto, cada dia me fazem perguntas sobre todos esses pontos; é preciso responder; nada tenho que preste para lhes comunicar; falo bastante, e fico confuso e envergonhado de mim mesmo após haver falado.

O pior é quando me perguntam se Brama foi produzido por Vixnu, ou se ambos são eternos. Deus é testemunha de que nada sei a respeito, o que bem se vê pelas minhas respostas. “Ah! meu reverendo — imploram-me, — disse-me como é que o mal inunda toda a terra”. Sinto-me nas mesmas dificuldades que aqueles que me fazem tal pergunta: digo-lhes algumas vezes que tudo vai o melhor possível; mas aqueles que ficaram arruinados ou mutilados na guerra não acreditam nisso, nem eu tampouco: retiro-me acabrunhado da sua curiosidade e da minha ignorância. Vou consultar

nossos antigos livros, e estes duplicam as minhas trevas. Vou consultar meus companheiros: respondem-me uns que o essencial é gozar a vida e zombar dos homens; outros julgam saber alguma coisa, e perdem-se em divagações; tudo concorre para aumentar o doloroso sentimento que me domina. Sinto-me às vezes à borda do desespero, quando penso que, após todas as minhas pesquisas, não sei nem de onde venho, nem o que sou, nem para onde vou, nem o que me tornarei”

O estado desse excelente homem me causou verdadeira pena: ninguém tinha mais senso e boa-fé. Compreendi que, quanto mais luzes havia no seu entendimento a mais sensibilidade no seu coração, mais infeliz era ele.

Vi, no mesmo dia, a velha sua vizinha: perguntei-lhe se alguma vez se afligira por saber como era a sua alma. Nem chegou a entender minha pergunta: nunca na sua vida refletira um memento sobre um só dos pontos que atormentavam o brâmane; acreditava de todo o coração nas metamorfoses de Vixnu e, desde que algumas vezes pudesse conseguir água do Ganges para se lavar, julgava-se a mais feliz das mulheres.

Impressionado com a felicidade daquela pobre criatura, voltei a meu filósofo e disse-lhe:

— Não te envergonhas de ser infeliz, quando mora à tua porta um velho autômato que não pensa em nada e vive contente?

— Tens razão – respondeu-me ele; – mil vezes disse comigo que seria feliz se fosse tão tolo como a minha vizinha, e no entanto não desejaria tal felicidade.

Essa resposta me causou maior impressão que tudo o mais; consultei minha consciência e vi que na verdade também não desejaria ser feliz sob a condição de ser imbecil.

Expus a questão a filósofos, e eles foram da minha opinião. “No entanto – dizia eu, – há uma terrível contradição nessa maneira de pensar”. Pois de que se trata, afinal? De ser feliz. Que importa, pois, ter espírito ou ser tolo? Mais ainda: aqueles que estão contentes consigo estão bem certos de estar contentes; mas aqueles que raciocinam não se acham tão certos de bem raciocinar. “É claro – dizia eu – que se deveria preferir não ter senso-comum, uma vez que este contribua, o mínimo que seja, para o nosso mal-estar.” Todos foram de minha opinião, e todavia não encontrei ninguém que quisesse aceitar o pacto de se tornar imbecil para andar contente. Donde concluí que, se muito nos importamos com a ventura, mais ainda nos importamos com a razão.

Mas, refletindo bem, parece uma insensatez preferir a razão à felicidade. Como se explica, pois, tal contradição? Como todas as outras. Aí há muito de que falar.

©2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Breves Contos

3



VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

Breves Contos III
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

Copyright:
Domínio Público

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO
BIOGRAFIA DO AUTOR
O BRANCO E O PRETO
JEAN NOTE COLIN
POT-POURRI

BREVES CONTOS III



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Apresentamos três dentre os mais conhecidos contos de Voltaire. São textos críticos mas não tão irônicos e sarcásticos como os de outras obras. A preocupação maior parece fixar-se no estilo, na análise de contradições filosóficas e na pregação moral.

Em “O Branco e o Preto” Voltaire não se mostra tão crítico em relação às idéias e instituições. O conto vale pelo estilo, que lembra o romance oriental. No conteúdo, a discussão principal se refere às diferenças e similitudes entre o sonho e a realidade.

“Jeannot e Colin” é menos um conto crítico que moral. A história envolve dois amigos que se separam após o enriquecimento repentino de Jeannot, que a partir de então despreza o antigo companheiro. Mas a fortuna se esvai rapidamente. Colin aceita tornar à antiga amizade, compreendendo que a felicidade está no trabalho e na generosidade.

“Pot-pourri” mostra o Voltaire agressivamente crítico. Ataca várias religiões e culturas, os filósofos, a ganância e a especulação, a vaidade e o egoísmo.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a *Henriade* quase terminada e com o esboço do *OEdipe*. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia *OEdipe* foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: *Artemise* (1720), *Marianne* (1725) e o *Indiscret* (1725).

Em 1726, em consequência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou *Brutus* (1730), *Eriphyle* (1732), *Zaïre* (1732), *La Mort de César* (1733) e *Adélaïde Duguesclin* (1734). Datam da mesma época suas *Lettres Philosophiques* ou *Lettres Anglaises*, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os *Eléments de la Philosophie de Newton* (1738), além de *Alzire*, *L'Enfant Prodigue*, *Mahomet*, *Mérove*, *Discours sur l'Homme*, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, acrescentando-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito:

as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasticamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

O BRANCO E O PRETO

Certamente não há, na província de Candahar, quem não conheça a aventura do jovem Rustan. Era filho único de um mirza, título este que corresponde a marquês entre nós, ou a barão entre os alemães. O mirza seu pai era possuidor de uma bela fortuna honestamente adquirida. Deviam casar o jovem Rustan com uma. dama, ou mirzesa, da sua categoria. As duas famílias o desejavam ardentemente. Devia ele constituir o consolo dos pais, tornar a sua esposa feliz, e o ser com ela.

Mas, por infelicidade, vira a princesa de Caxemira na feira de Cabul, que é a feira mais importante do mundo, e incomparavelmente mais freqüentada que as de Baçorá e Astracã. E eis agora por que o príncipe de Caxemira comparecera à feira com a sua filha.

Perdera ele as duas mais raras peças de seu tesouro: uma era um diamante do tamanho de um polegar e no qual fora gravada a efígie de sua filha, com uma arte que os hindus possuíam então e que depois se perdeu; a outra era uma azagaia que ia por si própria aonde a gente o desejava, coisa não muito extraordinária entre nós, mas que o era em Caxemira.

Um faquir de Sua Alteza lhe roubara essas duas preciosidades e as entregara à princesa. “Guardai cuidadosamente estes dois objetos – disse-lhe ele. – Deles depende o vosso destino”. Partiu então, e nunca mais o tornaram a ver. O duque de Caxemira, desesperado, e ignorando que ambas as coisas se achavam em poder da filha, resolveu ir à feira de Cabul, para ver se entre os mercadores que ali acorriam dos quatro cantos do mundo, não haveria algum que tivesse o seu diamante e a sua arma. Levava a filha consigo em todas as viagens que fazia. Trazia esta o diamante bem escondido no cinto; quanto à azagaia, que não podia ocultar tão bem, encerrara-a cuidadosamente em Caxemira, no seu grande cofre chinês.

Rustan e ela viram-se em Cabul; amaram-se com toda a boa-fé da sua idade e toda a ternura da sua terra. A princesa, em penhor de seu afeto, lhe deu o diamante, e Rustan, à despedida, prometeu ir vê-la secretamente em Caxemira.

Tinha o jovem mirza dois favoritos que lhe serviam de secretários, escudeiros, mordomos e criados de quarto. Um chamava-se Topázio; era belo, bem feito, branco como uma circassiana, dócil e serviçal como um

armênio, sábio como um guebro. O outro chamava-se Ébano; era um negro bastante bonito, mais ativo, mais industrioso que Topázio, e que não achava nada difícil. Comunicou-lhes o seu projeto de viagem. Topázio procurou dissuadi-lo com o zelo circunspecto de um servo que não queria desagradar-lhe; fez-lhe ver tudo o que arriscava. Como deixar duas famílias em desespero? Como cravar um punhal no coração de seus pais? Chegou a abalar Rustan; mas Ébano o encorajou e varreu-lhe todos os escrúpulos.

— Mas faltava-lhe dinheiro para tão longa viagem. O sábio Topázio não faria com que lho prestassem; Ébano o conseguiu. Sem que o patrão o soubesse, apoderou-se do diamante e mandou fazer uma imitação, que pôs no seu lugar, empenhando o verdadeiro a um armênio, por alguns milhares de rúpias.

Quando o marquês se viu de posse das suas rúpias, tudo ficou pronto para a partida. Carregaram um elefante com a bagagem; montaram a cavalo. Topázio disse ao amo: “Tomei a liberdade de fazer algumas críticas à sua empresa; mas, depois de criticar, cumpre-me obedecer; pertenço-lhe, estimo-o, hei de segui-lo até o fim do mundo; mas consultemos em caminho o oráculo que fica a duas parasangas daqui”. Rustan consentiu. O oráculo respondeu: se fores ao oriente, estarás no ocidente. Rustan não compreendeu coisa alguma dessa resposta. Topázio sustentou que não augurava nada de bom, Ébano, sempre complacente, persuadiu-o de que ela era bastante favorável.

Havia ainda um outro oráculo em Cabul; foram também consultá-lo. O oráculo de Cabul respondeu nestes termos: Se possuis, não possuirás; se és vencedor, não vencerás; se és Rustan, não o serás. Esse oráculo afigurou-se-lhes ainda mais ininteligível que o outro. — Cuidado! — advertia-lhe Topázio. Nada tema — dizia — Ébano, e este ministro, como era de prever, tinha sempre razão perante o amo, a quem estimulava a paixão e a esperança.

Deixando Cabul, internaram-se por uma grande floresta; sentaram-se na relva para comer, soltando os cavalos no pasto. Preparavam-se para descarregar o elefante que trazia os víveres e o serviço, quando perceberam que Topázio e Ébano não mais se achavam com a pequena caravana. Chamam-nos; reboa a floresta com os nomes de Ébano e Topázio. Os criados procuram-nos por todas as direções e enchem a floresta com os seus gritos; voltam sem nada ter visto, sem que ninguém lhes tenha respondido. “Apenas encontramos — disseram a Rustan — um abutre que se

batia com uma águia e que lhe arrancava todas as penas.” A narrativa desse combate espicou a curiosidade de Rustan; dirigiu-se a pé até o local; não avistou nem abutre nem águia, mas viu o seu elefante, ainda com a carga, que era assaltado por um grande rinoceronte. Um investia com o chifre, o outro com a tromba. O rinoceronte, à vista de Rustan, abandonou a presa; recolheram o elefante, mas não puderam encontrar os cavalos. “Estranhas coisas acontecem quando se viaja pela floresta!” – exclamava Rustan. Os servos estavam consternados, e o amo em desespero, por haver perdido ao mesmo tempo os seus cavalos, o seu caro negro e o sábio Topázio, ao qual tinha grande amizade, embora este nunca fosse da sua opinião.

Consolava-se na esperança de em breve se ver aos pés da bela princesa de Caxemira, quando encontrou um grande asno malhado, a que um vigoroso e brutal campônio enchia de pauladas. Nada mais belo, nem mais raro, nem mais veloz na corrida do que os asnos dessa espécie. Aos golpes do vilão, respondia o asno a coices capazes de arrancar um carvalho. O jovem mirza tomou, como de razão, o partido do asno, que era uma criatura encantadora. O campônio fugiu, dizendo ao asno: “Tu me pagarás”. O asno agradeceu ao libertador na sua linguagem, aproximou-se, deixou-se acariciar, acariciou. Depois da refeição, Rustan monta no asno e encaminha-se para Caxemira com os seus criados, que seguem, uns a pé, outros montados no elefante.

Mal se havia ele acomodado no lombo do asno, quando este animal se volta na direção de Cabul, em vez de seguir o rumo de Caxemira. Por mais que o cavaleiro torcesse a rédea e apertasse os joelhos, por mais que o sofresse, por mais que lhe metesse o relho e as esporas, o teimoso animal corria sempre direito a Cabul.

Rustan suava, debatia-se, exasperava-se, quando encontrou um vendedor de camelos que lhe disse: “Bastante velhaco é este seu burro, que o leva aonde o senhor não pretende ir; não quer trocá-lo por quatro de meus camelos, à escolha?”

Rustan agradeceu à Providência, por lhe haver deparado tão bom negócio. “Muito enganado estava Topázio – pensava ele – em me dizer que a minha viagem não seria feliz”. Monta no melhor camelo, os três outros o seguem; alcança a sua caravana, e vê-se a caminho da felicidade.

Mal andara quatro parasangas, quando é detido por uma torrente profunda, larga e impetuosa, que rolava de rochedos brancos de espuma. As duas margens eram horríveis precipícios, que turbavam a vista e gelavam o

sangue; nenhum meio de atravessar, nenhum meio de tomar pela direita ou pela esquerda. “Começo a temer – disse Rustan – que Topázio tivesse razão em censurar minha viagem, e que eu tenha feito muito mal em partir; se ao menos ele estivesse aqui, poderia dar-me alguns bons conselhos. Se aqui estivesse Ébano, haveria de consolar-me e encontraria algum expediente; mas tudo me falha”. Seu embaraço era aumentado pela consternação da caravana: a noite era sem estrelas, passaram-na a lamentar-se. Afinal a fadiga e o abatimento adormeceram o enamorado viajante. Desperta ao raiar do dia e vê uma bela ponte de mármore erguida sobre a torrente, de uma margem à outra.

E foram exclamações, gritos de espanto e de alegria. “Será possível? Não será um sonho? Que prodígio! Que encantamento! Teremos coragem de passar?” Todo o bando se punha de joelhos, erguia-se, dirigia-se à ponte, beijava a terra, olhava o céu, estendia as mãos, avançava o pé a tremer, voltava, extasiava-se; e Rustan murmurava: “Sem dúvida o Céu me favorece; Topázio não sabia o que dizia; os oráculos eram em meu favor; Ébano tinha razão; mas por que não está ele aqui?”

Mal a caravana atravessou a torrente, eis que a ponte se abisma nas águas com terrível fragor. “Tanto melhor! Tanto melhor! – exclamou Rustan. – Louvado seja Deus! Ele não quer que eu volte para a minha terra, onde não passaria de simples gentil-homem; quer que eu despose aquela a quem amo. Serei príncipe de Caxemira; é assim que, possuindo a minha amada, não possuirei o meu pequeno marquesado de Candahar. Serei Rustan, e não o serei, visto que vou tornar-me um grande príncipe: eis aí, claramente explicada em meu favor, grande parte do oráculo, o resto se explicará por si mesmo; hei de ser muito feliz. Mas por que não se acha Ébano comigo? Lamento-o muito mais do que a Topázio”.

Avançou mais algumas parasangas na maior alegria; mas, ao escurecer, uma cadeia de montanhas mais abruptas que uma contra-escarpa e mais altas do que o seria a torre de Babel, se a tivessem concluído, barrou inteiramente a caravana transida de medo.

“Deus quer que pereçamos aqui – exclamavam todos. – Ele só afundou a ponte para nos tirar toda esperança de regresso; e ergueu a montanha para nos privar de qualquer meio de seguir avante. Ó Rustan! ó infeliz marquês! jamais veremos Caxemira, nunca mais regressaremos à terra de Candahar”. A mais cruciante dor, o mais pesado abatimento, sucediam-se, na alma de Rustan, à imoderada alegria que sentira, às esperanças com que se

embriagara. Bem longe estava agora de interpretar as profecias em seu favor. “Ó Céus! ó Deus bondoso! Para que fui perder meu amigo Topázio?!”

Como pronunciasse tais palavras, soltando profundos suspiros e derramando lágrimas, em meio da comitiva em desespero, eis que se fende a base da montanha, e um longo túnel, alumiado de cem mil archotes, se lhes apresenta às vistas ofuscadas. E Rustan a exclamar, e sua gente a cair de joelhos, a tombar de espanto, a proclamar milagre! E a dizer: “Rustan é o favorito de Vixnu, o bem-amado de Brama; será o senhor do mundo”. Rustan o acreditava, estava fora de si, erguido acima de si mesmo. “Ah! Ébano, meu querido Ébano! Onde estás, que não vens testemunhar estas maravilhas? Como te fui perder? E quando, bela princesa de Caxemira, quando tornarei a ver os teus encantos?”

Avança, com os seus criados, com o seu elefante, com o seu camelo, por debaixo da abóbada da montanha, ao fim da qual penetra em um vale esmaltado de flores e bordado de arroios; e além do prado, alamedas a perder de vista; e além das alamedas, um rio, a cujas margens se erguem mil casas de recreio, com deliciosos jardins. Ouve, por toda parte, cantos e instrumentos; vê gente dançando; apressa-se em atravessar uma das pontes; indaga ao primeiro que lindo país seria aquele.

Aquele a quem se dirigia respondeu-lhe: “Esta é a província de Caxemira; os habitantes entregam-se agora à alegria e aos folguedos, celebrando as núpcias da nossa bela princesa, que vai casar-se com o senhor Barbabu, a quem o pai a prometeu; que Deus lhes perpetue a felicidade.”

A estas palavras Rustan tombou desfalecido, e o senhor de Caxemira julgou-o sujeito a ataques epilépticos; mandou levá-lo para sua casa, onde se conservou por muito tempo sem sentidos. Mandou chamar os dois médicos mais hábeis do cantão; tomaram o pulso ao doente que, tendo-se refeito um pouco, lançava soluços e revirava os olhos, exclamando de tempos em tempos: “Topázio, Topázio, tu tinhas razão!”

Um dos médicos disse ao senhor de Caxemira: “Vejo, pelo seu sotaque, que é um jovem de Candahar, a quem este clima não convém; deixe-o comigo, que o levarei de volta à sua pátria e o curarei”. Assegurou o outro médico que Rustan só estava doente de desgosto, que deviam levá-lo às núpcias da princesa e fazê-lo dançar; os dois médicos foram dispensados e Rustan ficou a sós com o seu hóspede.

— Senhor — lhe disse ele, — peço-lhe perdão por haver desmaiado na sua

presença, sei que isso não é nada polido;, queira aceitar meu elefante como prova de reconhecimento pela bondade com que me honrou.

Contou-lhe em seguida todas as suas aventuras, evitando referir-se ao objetivo da viagem.

— Mas – indagou ele, – em nome de Vixnu e Brama, diga-me quem é esse feliz Barbabu que desposa a princesa de Caxemira, por que seu pai escolheu para genro e por que a princesa o aceitou como esposo?

— Senhor, a princesa absolutamente não aceitou Barbabu: pelo contrário, está em pranto, enquanto toda a província celebra com alegria o seu casamento; encerrou-se na torre do palácio; não quer assistir a nenhum dos festejos que fazem em sua honra.

Rustan, ao ouvir essas palavras, sentiu-se renascer; o brilho de suas cores, que a dor fanara, reapareceu-lhe nas faces.

— Queira dizer-me – continuou ele – por que o príncipe de Caxemira se obstina em dar sua filha a um Barbabu a quem ela detesta?

— Não sabia o senhor que o nosso augusto príncipe perdera um valioso diamante e uma azagaia de grande estimação?

— Ah! bem o sei.

— Pois saiba que o nosso príncipe, desesperado por não ter notícias dessas preciosidades, depois de as ter mandado procurar por toda a terra, prometeu a mão da filha a quem lhe trouxesse qualquer um dos dois objetos. Apareceu um senhor Barbabu, munido do diamante, e amanhã vai casar com a princesa.

Rustan empalideceu, gaguejou um cumprimento, despediu-se, e correu de dromedário à capital, onde deveria realizar-se a cerimônia. Chega ao palácio do príncipe; alega que tem coisas importantíssimas para lhe comunicar; pede uma audiência; respondem que – o príncipe está ocupado nos preparativos do casamento.

— É por isso mesmo que quero falar-lhe.

E tanto instou que foi introduzido.

— Senhor – diz ele ao príncipe, – que Deus coroe todos os vossos dias de glória e magnificência! O vosso genro é um trapaceiro.

— Como! um trapaceiro? Atreve-se a dizê-lo? E assim que se fala a um duque de Caxemira do genro que ele escolheu?

— Sim, um trapaceiro. E para o provar a Vossa Alteza, é que trago aqui vosso diamante.

O duque, espantado, confrontou os dois diamantes e, como não entendia

de pedras preciosas, não pode decidir qual fosse o verdadeiro. “Aqui estão dois diamantes – disse ele – e só tenho uma filha: eis-me num estranho embaraço!” Mandou chamar Barbabu e perguntou-lhe se não o havia enganado. Barbabu jurou que comprara o seu diamante a um armênio; o outro não dizia de quem houvera o seu, mas propôs um expediente: que aprouvesse a Sua Alteza fazê-lo combater em seguida contra o rival.

— Não basta que vosso genro dê um diamante – dizia ele, – é preciso que também dê provas de valor. Não achais bem que aquele que matar o outro despose a princesa?

— Esplêndido – respondeu o príncipe, – será um belo espetáculo para a Corte: batei-vos depressa os dois; o vencedor tomará as armas do vencido, segundo o costume de Caxemira, e desposará minha filha.

Os dois pretendentes desceram logo à pista. Havia na escada uma pega e um corvo. O corvo gritava: “Batam-se, batam-se”; e a pega: “Não se batam”. O que fez rir ao príncipe; os dois rivais, mal lhes deram atenção, iniciaram o combate; todos os cortesãos formavam circulo em torno deles. A princesa, sempre encerrada na torre, não quis assistir ao espetáculo; longe estava de imaginar que o seu apaixonado se achava em Caxemira, e tinha tamanho horror a Barbabu que nada queria ver. O combate desenvolveu-se o melhor possível; Barbabu foi logo morto e o povo sentiu-se encantado, pois que Barbabu era feio e Rustan muito bonito: é o que decide quase sempre do favor público.

O vencedor vestiu a cota de malha, a charpa e o capacete do vencido e foi, ao som das fanfarras e seguido de toda a Corte, apresentar-se sob as janelas da bem-amada. “Bela princesa – gritavam todos, – vinde ver vosso belo marido que matou seu feio rival”. As aias repetiam tais palavras.

A princesa, por desgraça, pôs a cabeça à janela e, avistando a armadura do homem a quem abominava, correu desesperada ao cofre chinês e retirou a azagaia fatal, que foi ferir o seu querido Rustan na fenda da couraça; este lança um grito e nesse grito a princesa julga reconhecer a voz de seu infeliz amado.

Desce desgrenhada, com a morte nos olhos e no coração. Rustan, coberto de sangue, jazia tombado nos braços do rei. Ela o vê: ó momento! ó espetáculo, ó reconhecimento, de que se não pode exprimir nem a angústia, nem a ternura, nem o horror! Lança-se a ele, beija-o. “Tu recebes – lhe diz ela – os primeiros e os últimos beijos da tua amada e da tua assassina”. Retira o dardo da ferida, mergulha-o no próprio coração e expira sobre

aquele a quem adora. O pai, fora de si, alucinado, pronto a morrer com ela, tenta em vão chamá-la à vida; a pobre não mais existia; ele amaldiçoa aquele dardo fatal, quebra-o em pedaços, lança ao longe aqueles dois diamantes funestos; e, enquanto preparam os funerais da filha em vez de seu casamento, manda transportar para o palácio Rustan ensangüentado, que tinha ainda uns restos de vida. Colocam-no em um leito. A primeira coisa que vê aos dois lados daquele leito de morte, é Topázio e Ébano. A surpresa lhe devolve um pouco as forças.

— Ah! cruéis – diz ele, – por que me abandonastes? Talvez a princesa ainda vivesse, se estivésseis perto do infeliz Rustan.

— Eu nunca vos abandonei um único instante – diz Topázio.

— Sempre estive perto de vós – afirma Ébano.

— Ah! que dizeis? Por que insultar meus últimos momentos? – lhes diz Rustan com voz débil.

— Podeis acreditar-me – diz Topázio, – bem sabeis que nunca aprovei essa fatal viagem, de que previa as horríveis conseqüências. Era eu a águia que lutou com o abutre; era eu o elefante que se sumiu com a bagagem, para forçar-vos a voltar à pátria; era eu o asno malhado que vos reconduzia para a casa paterna; fui eu quem dispersou vossos cavalos; fui eu quem formou a torrente que vos impedia a passagem; fui eu quem ergueu a montanha que vos fechava um caminho tão funesto; era eu o médico que vos aconselhava o clima natal; era eu a pega que vos gritava que combatêsseis.

— E eu – diz Ébano, – eu era o abutre que lutou com a águia, eu era o rinoceronte que dava chifradas no elefante, o vilão que castigava o asno malhado, o mercador que vos cedia camelos para a vossa perda; construí a ponte sobre a qual passastes; cavei a galeria que atravessastes; sou o médico que vos animava a seguir, o corvo que vos gritava que combatêsseis.

— Lembra-te dos oráculos – diz Topázio. – Se vais ao oriente, estará, no ocidente.

— Sim – confirma Ébano, – aqui enterram os mortos com o rosto voltado para o ocidente. O oráculo era claro. Como não o compreendeste? Tu possuías, e não possuías: pois tinhas o diamante, mas era falso, e o ignoravas. És vencedor e morres; és Rustan e deixas de o ser; tudo foi cumprido.

Enquanto assim falava, quatro asas brancas cobriram o corpo de

Topázio, e quatro asas negras o de Ébano.

— Que vejo?! – exclamou Rustan.

Topázio e Ébano responderam juntos:

— Tu vês os teus dois gênios.

— Ai! – gemeu o infeliz Rustan. – Para que vos metestes nisso? E para que dois gênios para um pobre homem?

— É a lei – sentenciou Topázio. – Cada homem tem os seus dois gênios, foi Platão quem primeiro o disse, e outros depois o repetiram; bem vês que nada é mais verdadeiro: eu, que te falo, sou o teu bom gênio, e o meu encargo era velar por ti até o último instante da tua vida; desempenhei fielmente o meu papel

— Mas – disse o moribundo, – se a tua função era servir-me, sou pois de uma natureza muito superior à tua; e depois, como ousas afirmar que és o meu bom gênio, quando deixaste me enganarem em tudo o que empreendo; e nos deixas morrer miseravelmente, a mim e à minha bem-amada?

— Era o teu destino – disse Topázio.

— Se é o destino que faz tudo – observou o moribundo, para que serve então meu gênio? E tu, Ébano, - com as tuas quatro asas negras, és, pelo que se vê, o meu gênio mau?

— Tu o disseste – respondeu Ébano.

— Então eras também o gênio mau da minha princesa?

— Não, a princesa tinha o seu, e eu secundei-o perfeitamente.

— Ah! maldito Ébano, se és tão mau assim, não pertences então ao mesmo senhor que Topázio? São ambos formados por dois princípios diferentes, dos quais um é bom e o outro mau por natureza?

— Não é uma consequência – disse Ébano, – mas é uma grande dificuldade.

— Não é possível, tornou o moribundo, que um ser favorável tenha criado um gênio tão funesto.

— Possível ou não – retrucou Ébano, – a coisa é como te digo.

— Ah! meu pobre amigo – interrompeu Topázio, – não vês que esse velhaco tem ainda a malícia de te fazer discutir, para assanhar teu sangue e precipitar a hora da tua morte?

— Vai-te, não estou mais contente contigo do que com ele – diz o triste Rustan. – Ele ao menos confessa que me quis fazer mal; e tu, que pretendias defender-me, não me serviste de nada.

— Sinto-o muito – desculpou-se o bom gênio.

— E eu também – afirmou o moribundo. – Há nisso tudo qualquer coisa que eu não compreendo.

— Nem eu tampouco – disse o pobre do bom gênio.

— Mas daqui a um instante saberei tudo – disse Rustan.

— É o que veremos – concluiu Topázio.

Então tudo desapareceu. Rustan achou-se na casa de seu pai, de onde não saíra, e no seu leito, onde havia dormido durante uma hora.

Desperta em sobressalto, banhado em suor, perdido; apalpa-se, chama, grita, puxa a sineta. Seu criado Topázio acorre de carapuça e bocejando.

— Estou morto? Estou vivo? – exclamou Rustan. – E a bela princesa de Caxemira? Será que escapa?

— O meu senhor está sonhando? – disse friamente Topázio.

— Ah! – clamava Rustan. – Que é feito desse maldito Ébano, com as suas quatro asas negras? Foi ele que me fez morrer de morte tão cruel.

— Senhor, deixei-o lá em cima, a roncar. Faço-o descer também?

— O celerado! Há seis meses inteiros que me persegue. Foi ele quem me levou a essa feira aziaga de Cabul. Foi ele quem escamoteou o diamante que me deu a princesa. É ele o culpado da minha viagem, da morte da minha princesa, e do golpe de azagaia de que morro na flor da idade.

— Tranqüilizai-vos – disse Topázio. – Nunca estivestes em Cabul; não existe nenhuma princesa de Caxemira; o seu pai tem apenas dois filhos varões, que estão atualmente no colégio. Nunca tivestes diamante; a princesa não pode estar morta porque não nasceu; e a vossa saúde é perfeita.

— Como! Não é verdade que assistias à minha morte no leito do príncipe de Caxemira? Não me confessaste que, para me preservar de tantos males, havias sido águia, elefante, asno malhado, médico e pega?

— Sonhastes isso tudo, senhor: as nossas idéias não pendem mais de nós no sono do que na vigília. Quis Deus que esse desfile de idéias vos passasse pela cabeça, para vos dar decerto alguma instrução, de que tirareis proveito.

— Zombas de mim – tornou Rustan.. – Quanto tempo dormi?

— Senhor, não dormistes ainda uma hora.

— Pois então, maldito argumentador, como queres tu que, em uma hora, tenha eu estado há seis meses na feira de Cabul, de lá tenha voltado e ido a Caxemira, e que estejamos mortos, Barbabu, a princesa e eu?

Não há nada mais fácil nem mais ordinário, senhor, e realmente poderíeis ter dado volta ao mundo e passado por mais aventuras em muito

menos tempo. Não é verdade que podeis ler em uma hora o compêndio da história dos persas, escrito por Zoroastro? No entanto, esse compêndio abrange oitocentos mil anos. Todos esses acontecimentos passam um após outro, a vossos olhos, durante uma hora. E haveis de concordar que é tão fácil a Brama comprimi-los todos no espaço de uma hora como estendê-los no espaço de oitocentos mil anos; é exatamente a mesma coisa. Imaginai que o tempo gira sobre uma roda cujo diâmetro é infinito. Nessa roda imensa há uma multidão inumerável de rodas, umas dentro das outras; a do centro é imperceptível e dá um número infinito de voltas precisamente no mesmo tempo em que a grande roda completa uma volta. É claro que todos os acontecimentos, desde o princípio do mundo até o seu fim, podem acontecer sucessivamente em muito menos tempo que a centésima milésima parte de um segundo; e pode-se afirmar que a coisa é mesmo assim.

— Não compreendo – disse Rustan.

— Se quiserdes – disse Topázio, – tenho um papagaio que vos fará fielmente compreender isso tudo. Nasceu algum tempo antes do Dilúvio; estava na Arca; viu muitas coisas; no entanto, tem apenas ano e meio: ele vos contará a sua história, que é muito interessante.

— Traze-me depressa o teu papagaio – disse Rustan, – Ele me divertirá até que eu possa adormecer de novo.

— Está com a minha irmã religiosa – disse Topázio. Vou buscá-lo, gostareis dele; a sua memória é fiel, e ele conta simplesmente, sem procurar mostrar espírito à propósito de tudo, e sem fazer frases.

Tanto melhor – observou Rustan, – é assim que me agradam as histórias. Trouxeram-lhe o papagaio, o qual assim falou:

N. B.: Mademoiselle Catherine Vadé nunca pode encontrar a história do papagaio entre os papéis de seu falecido primo Antoine Vadé, autor deste conto. O que é uma pena, dado o tempo em que vivera o papagaio.

JEANNOT E COLIN

Várias pessoas dignas de fé viram Jeannot e Colin na escola da cidade de Issoire, em Auvergne, famosa em todo o universo por seus colégios e seus tachos. Jeannot era filho de um conhecido vendedor de mulas, e Colin devia seus dias a um bravo lavrador dos arredores, que cultivava a terra com quatro animais e que depois de haver pago a talha, mais o imposto adicional, e as gabelas, o soldo por libra, a captação e os vigésimos, não se encontrava lá muito rico ao fim do ano.

Jeannot e Colin eram muito bonitos para auvernheses; estimavam-se muito e tinham dessas pequenas intimidades, dessas pequenas confidências, que a gente sempre relembra com agrado, quando torna a encontrar-se mais tarde.

Estava para findar o tempo de seus estudos, quando um alfaiate trouxe a Jeannot uma roupa de veludo de três cores, com uma jaqueta leonesa de excelente gosto: vinha tudo acompanhado de uma carta para o senhor de La Jeannotière. Colin admirou a roupa, sem sentir inveja; mas Jeannot tomou um ar de superioridade que afligiu Colin. Desde esse momento Jeannot não estudou mais, olhava-se ao espelho e desprezava a todo o mundo. Algum tempo depois, chega um criado de diligência e traz uma segunda carta para o senhor marquês de La Jeannotière: era uma ordem do senhor seu pai para que o senhor seu filho se dirigisse a Paris. Jeannot subiu para o carro, estendendo a mão a Colin com um nobre sorriso protetor. Colin sentiu o seu próprio nada e chorou. Jeannot partiu em toda a pompa da sua glória.

Os leitores que gostam de instruir-se devem saber que o senhor Jeannot pai adquirira uma fortuna imensa nos negócios. Indagais como se fica assim tão rico? Mera questão de sorte. O senhor Jeannot era bem parecido, sua mulher também, e ainda estava bastante viçosa. Foram ambos a Paris, devido a um processo que os arruinava, quando a sorte, que eleva e rebaixa os homens a seu bel-prazer, os apresentou à esposa de um empreiteiro dos hospitais militares, homem de grande talento e que podia gabar-se de haver liquidado mais soldados em um ano do que o canhão em dez. Jeannot agradou a Madame; a mulher de Jeannot agradou a Monsieur. Em breve Jeannot participava da empresa; meteu-se em outros negócios. Quando a gente está na correnteza, é só deixar-se carregar; e faz-se sem trabalho uma

fortuna imensa. Os pobretões que, da margem, nos vêem vogar a todo o pano, arregalam os olhos; não atinam como pudemos vencer; invejam-nos pura e simplesmente e escrevem, contra nós, panfletos que não lemos. Foi o que aconteceu a Jeannot pai, que em breve se transformou em senhor de La Jeannotière e que, tendo adquirido um marquesado ao cabo de seis meses, retirou da escola o senhor marquês seu filho, para introduzi-lo na alta sociedade de Paris.

Colin, sempre terno, escreveu uma carta de cumprimentos a seu antigo camarada, enviando-lhe *estas linhas para congratular-me...* O marquesinho não lhe deu resposta. Colin adoeceu de pesar.

O pai e a mãe deram primeiro um preceptor ao jovem marquês: esse preceptor, que era um homem da alta e que nada sabia, não pode ensinar coisa alguma a seu pupilo. Monsieur queria que o filho aprendesse latim, Madame não o queria. Tomaram por árbitro um autor que era então famoso por obras agradáveis. Convidaram-no a jantar. O dono da casa começou por lhe dizer:

— O senhor que sabe latim e que é um homem da Corte...

— Eu, senhor, latim?! Não sei uma palavra de latim e me dou muito bem com isso: é claro que se fala muito melhor a própria língua quando não se divide a aplicação entre ela e as línguas estrangeiras. Veja todas as nossas damas: têm um espírito mais agradável que o dos homens; as suas cartas têm cem vezes mais graça; e, se nos levam essa vantagem, é porque não sabem latim.

— Pois não tinha eu razão? – disse Madame. – Eu quero que o meu filho seja um homem de espírito, que obtenha sucesso na sociedade; e bem se vê que, se soubesse latim, estaria perdido. Acaso se representa comédia e ópera em latim? Pleiteia-se em latim, quando se tem um processo? Ama-se em latim?

Monsieur, ofuscado com essas razões, abdicou, e ficou assentado que o jovem marquês não desperdiçaria tempo em conhecer Cícero, Horácio e Virgílio.

— Mas que aprenderá. ele então? – insistiu. – Pois é preciso que saiba alguma coisa. Não se poderia ministrar-lhe um pouco de geografia?

— De que lhe serviria? – retrucou o preceptor. – Quando o senhor marquês for visitar suas terras, acaso os postilhões não saberão o caminho? Certamente que não hão de extraviá-lo. Não se tem necessidade de um esquadro para viajar, e vai-se muito comodamente de Paris a Auvergne sem

que seja preciso tirar a latitude.

Tem razão – replicou o pai. – Mas ouvi falar de uma bela ciência que se chama, creio eu, astronomia.

— Qual! – disse o preceptor. – Quem é que se guia pelos astros neste mundo? E será preciso que o senhor marquês se mate em calcular um eclipse quando o encontra indicado no almanaque, o qual, ainda por cima, o informa das festas móveis, a idade da lua e de todas as princesas da Europa!

Madame ficou de pleno acordo com o preceptor. O marquesinho estava no auge da alegria; o pai hesitava.

— Mas que se deve então ensinar a meu filho? – dizia.

— A ser amável – respondeu o amigo a quem consultavam. – E, se sabe os meios de agradar, saberá tudo: é uma arte que aprenderá com a senhora sua mãe, sem que nenhum dos dois se dê ao mínimo trabalho.

Madame, a estas palavras, beijou o gracioso ignorante, e disse-lhe:

— Bem se vê que o senhor é o homem mais sábio do mundo; meu filho lhe ficará devendo toda a sua educação. Imagino que não ficaria mal se ele soubesse um pouco de história.

— Mas para que serve isso, Madame! só é agradável e útil a história do dia. Todas as histórias antigas, como o dizia um de nossos talentos, são apenas fábulas admitidas; e, quanto às modernas, são um verdadeiro caos que não se pode destrinçar. Que importa ao senhor seu filho que Carlos Magno haja instituído os doze pares de França e o seu sucessor fosse gago?

— Muito bem! – exclamou o preceptor. – Abafa-se o espírito das crianças sob esse amontoado de conhecimentos inúteis; mas, de todas as ciências, a mais absurda, a meu ver, e a mais capaz de abafar toda espécie de gênio, é sem dúvida a geometria. Essa ciência ridícula tem por objeto superfícies, linhas e pontos que não existem na natureza. Faz-se passar, em espírito, cem mil linhas curvas entre um círculo e uma linha reta que o toca, embora na realidade não se lhe possa meter um fio de linha. A geometria, na verdade, não passa de uma brincadeira de mau gosto.

Monsieur e Madame não compreendiam muito bem o que queria dizer o preceptor, mas mostraram-se de pleno acordo.

— Um senhor como o jovem marquês – continuou ele – não deve secar o cérebro nesses vãos estudos. Se um dia tiver necessidade de um sublime geômetra para fazer o levantamento de suas terras, manda-la-á medir a dinheiro. Se quiser evidenciar a antigüidade de sua nobreza, que remonta

aos mais afastados tempos, mandará buscar um beneditino. O mesmo acontece com todas as artes. Um jovem senhor de bom nascimento não é nem pintor, nem músico, nem arquiteto, nem escultor; mas faz florescerem todas as artes, animando-as com a sua munificência. Mais vale sem dúvida protegê-las que as exercer; basta que o senhor marquês tenha bom gosto; compete aos artistas trabalharem para ele; eis por que há, muita razão em dizer-se que as pessoas de qualidade (refiro-me às bastante ricas) sabem tudo sem nada ter aprendido, pois, com o tempo, são capazes de julgar todas as coisas que encomendam e pagam.

O amável ignorante tomou então a palavra e disse:

— Madame observou muito bem que o grande objetivo do homem é triunfar na sociedade. Mas, falando com sinceridade, será com as ciências que se obtém esse triunfo? Alguém já se lembrou de falar sobre geometria em boa sociedade? Acaso se pergunta a um homem às direitas que astro se ergue hoje com o sol? Quem é que se informa, numa ceia, se Clódio, o cabeludo, atravessou o Reno?

— Certamente que não! – exclamou a marquesa de La Jeannotière, cujos encantos a tinham às vezes introduzido na alta sociedade. – E o senhor meu filho não deve abafar seu engenho no estudo de toda essa trapalheira. Mas, afinal, que lhe mandaremos ensinar? Pois é bom que um jovem fidalgo possa brilhar de vez em quando, como diz o senhor meu marido. Ouvi um padre dizer que a mais agradável das ciências era uma coisa de que esqueci o nome, mas que começa por b.

— Por b, Madame? Não será botânica?

— Não, não era de botânica que ele me falava; começava por b e acabava por ões.

— Ah! compreendo, Madame; trata-se da ciência dos brasões: é na verdade uma ciência muito profunda; mas passou de moda depois que se perdeu o costume de mandar pintar as armas nas portas da carruagem era o que poderia haver de mais útil em um Estado devidamente civilizado. Aliás, esses estudos não findariam nunca; não há hoje barbeiro que não tenha o seu escudo; e Madame bem sabe que o que se torna comum é pouco apreciado.

Afinal, depois de examinadas as vantagens e desvantagens das ciências, ficou resolvido que o marquês aprenderia a dançar.

A natureza, que faz tudo, dera-lhe um talento que logo se desenvolveu com prodigioso sucesso: o de cantar agradavelmente vaudevilles. As graças

da mocidade, aliadas a esse dote superior, fizeram-no considerar como um dos jovens mais esperançosos da cidade. Foi amado das mulheres e, tendo a cabeça cheia de canções, fê-las aos centos para as suas namoradas. Pilhava Bacchus et l'Amour em um vaudeulle, la nuit et le jour em outro, les charmes et les alarmes em um terceiro. Mas, como sempre havia em seus versos alguns pés de mais ou de menos do que cumpria, mandava-os corrigir a vinte luises por produção: e foi posto na Année littéraire, ao lado dos La Fare, dos Chaulieu, dos Hamilton, dos Sarrasin e dos Voiture.

A senhora marquesa julgou então ser mãe de um bel esprit, e deu para oferecer jantares a todos, os beaux esprit de Paris. Isso logo virou a cabeça do jovem, que adquiriu a arte de falar sem entender-se e aperfeiçoou-se no hábito de não prestar para coisa alguma. O pai, quando o viu tão eloquente, sentiu não lhe ter mandado ensinar latim, pois nesse caso lhe compraria um alto cargo na justiça. A mãe, que tinha sentimentos mais nobres, encarregou-se de solicitar um regimento para o filho; e este, enquanto o regimento não vinha, dedicava-se ao amor. O amor é às vezes mais caro que um regimento. Gastou muitíssimo, enquanto seus pais tampouco olhavam a despesas, para viverem como grão-senhores.

Ora, tinham eles como vizinha uma viúva moça e nobre, que resolveu salvar a fortuna do senhor e da senhora de La Jeannotière, apropriando-se dela e desposando o jovem marquês. Soube atraí-lo à sua casa, deixou-se amar, deu-lhe a entender que não lhe era indiferente, governou-o pouco a pouco, encantou-o, subjugou-o sem dificuldade. Ora o elogiava, ora lhe dava conselhos; tornou-se a melhor amiga do pai e da mãe. Uma velha vizinha propõe o casamento; os pais, deslumbrados com o esplendor de tal aliança, aceitaram com alegria a proposta: deram o seu filho único à sua amiga íntima. O jovem marquês ia desposar uma mulher a quem adorava e por quem era amado; os amigos da casa o felicitavam: iam redigir as cláusulas, enquanto se trabalhava no enxoval e no epitalâmio.

Estava ele, certa manhã, aos joelhos da encantadora esposa que o amor, a estima e a amizade lhe iam dar; gozavam, num terno e animado colóquio, as primícias de sua ventura; arquitetavam uma existência deliciosa, quando entra alarmado um camareiro da senhora mãe.

— Diferentes notícias lhes trago — assim os interrompe ele, — os meirinhos despejam a casa de Monsieur e de Madame; tudo está sendo seqüestrado pelos credores: fala-se até de prisão, e eu vou tomar providências para que me paguem os meus ordenados.

— Espera! Que coisa me disse? Que história é essa?! – exclama o marquês.

— Anda, vai já punir esses malandros! – Incita-o a viúva.

Corre, chega à casa, o pai já estava preso, todos os criados haviam fugido cada um para o seu lado, carregando com tudo o que podiam. A mãe achava-se sozinha, sem amparo, sem consolação, afogada em pranto: nada mais lhe restava que a lembrança da sua fortuna, da sua beleza, das suas faltas e das suas loucas despesas.

O filho, depois de haver longamente chorado com a mãe, afinal lhe disse:

— Não desesperemos, a viúva me ama loucamente, é ainda mais generosa que rica, respondo por ela; espere, que vou buscá-la.

Volta, pois, à casa da noiva: encontra-a em colóquio com um jovem oficial muito amável.

O marquês, pasmado, com a cólera no coração, foi procurar o antigo preceptor, derramou-lhe no peito as suas dores, e lhe pediu conselhos. Este lhe propõe fazer-se, como ele, preceptor de meninos. “Ai de mim! nada sei; o senhor não me ensinou coisa alguma, e foi o primeiro fator da minha desgraça”. E rompia em soluços, enquanto assim lhe falava. “Escreva romances” – disse um bel esprit que se achava presente.

— “É um ótimo recurso em Paris.”

O jovem, mais desesperado do que nunca, correu ao confessor de sua mãe. Era um teatino muito acreditado, que só dirigia senhoras da alta sociedade. Logo que avistou Jeannot, precipitou-se para este:

— Meu Deus, senhor marquês! Onde esta a sua carruagem? Como passa a respeitável senhora marquesa sua mãe?

O pobre infeliz contou-lhe o desastre da família. A medida que ele se explicava, o teatino assumia um ar mais grave, mais alheado, mais imponente:

— Meu filho, eis aonde Deus queria chegar: as riquezas só servem para corromper o coração. Com que então Deus concedeu à sua mãe a graça de reduzi-la à mendicidade?

— Sim, meu padre.

— Tanto melhor: agora ela pode ter certeza da sua .salvação.

— Mas, meu padre, enquanto se espera, não haveria meio de obter algum socorro neste mundo?

— Adeus, meu filho; está uma dama da Corte à minha espera.

O marquês esteve a ponto de desmaiar; seus amigos trataram-no mais ou menos da mesma maneira e, numa só tarde, aprendeu melhor a conhecer o mundo do que em todo o resto da sua vida.

Estando assim acabrunhado pelo desespero, viu que se aproximava um carro antigo, espécie de aranha coberta, com cortinas de couro, seguido de quatro enormes carroças completamente carregadas. Achava-se no carro um homem grosseiramente vestido; tinha um rosto redondo e fresco, que respirava brandura e alegria. Sua mulherzinha, morena, e também rusticamente agradável, era sacudida a seu lado. O veículo não corria como a carruagem de um peralvilho. O viajante tem tempo de sobra para contemplar o marquês imóvel, abismado na dor.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Creio que é Jeannot.

A este nome, o marquês ergue os olhos, o carro detém-se.

— É Jeannot mesmo. É Jeannot!

E o homenzinho rechonchudo corre, de um salto, a abraçar o seu antigo camarada. Jeannot reconhece Colin; a vergonha e as lágrimas cobrem-lhe as faces.

— Tu me abandonaste — diz Colin, — mas, por mais fino que estejas agora, eu sempre te estimarei.

Jeannot, confuso e enternecido, contou-lhe, entre soluços, uma parte da sua história.

— Anda comigo à hospedaria para contar-me o resto — lhe diz Colin, — abraça a minha mulherzinha e vamos jantar juntos.

Seguem os três a pé, seguidos da bagagem.

— Que trazes aí? Tudo isso é teu?

— Meu e de minha mulher. Venho do interior; dirijo uma boa manufatura de ferro estanhado e cobre. Desposei a filha de um rico negociante de utensílios necessários aos grandes e aos pequenos; trabalhamos muito; Deus nos ajuda: não mudamos de condição, estamos bem, e ajudaremos ao nosso amigo Jeannot. Não sejas mais; marquês; as grandezas deste mundo não valem um bom amigo. Voltarás comigo à nossa terra, aprenderás meu ofício; não é muito dificultoso; eu te darei sociedade, e viveremos alegremente no pedaço de terra onde nascemos.

Jeannot, desconcertado, sentia-se dividido entre a dor e a alegria, a ternura e a vergonha; e dizia baixinho: “Todos os meus amigos da alta me traíram, apenas Colin, a quem desprezei, vem em meu socorro. Que lição!” A magnanimidade de Colin animou as generosas inclinações de Jeannot,

que a sociedade ainda não destruía. Sentiu que não podia abandonar o pai e a mãe. “Cuidaremos de tua mãe – disse Colin – e, quanto ao velho, que está preso, eu cá entendo um pouco de negócios; seus credores, vendo que ele não tem mais nada, hão de contentar-se com pouco; deixa a coisa comigo”. Tanto fez Colin, que tirou o pai da prisão. Jeannot voltou para a sua terra, com os pais, que retomaram a sua primeira profissão. Jeannot desposou uma irmã de Colin, a qual, tendo o mesmo gênio do irmão, o fez muito feliz.

E Jeannot pai, e Jeanotte mãe, e Jeannot filho viram que a ventura não está na vaidade.

POT-POURRI

§ I

O pai de Polichinelo foi Brioché, não seu pai propriamente dito, mas pai espiritual. O pai de Brioché era Guillot Gorju, que foi filho de Gilles, que foi filho de Gros-René, que era descendente do rei dos bobos e da tia boba; é assim que o escreve o autor de “L’almanach de la Foire”. O sr. Parfait, escritor não menos digno de fé, dá por pai, a Brioché, Tabarin; a Tabarin, Gros-Guillaume; a Gros-Guillaume, Jean-Boudin; mas remontando sempre ao rei dos bobos. Se se contradizem os dois historiadores, isto constitui uma prova da verdade para o padre Daniel, que os concilia com maravilhosa sagacidade, destruindo assim o pirronismo da História.

§ II

Quando eu terminava o parágrafo primeiro dos cadernos de Merri Hissing, no meu gabinete, que dá para a rua de Saint-Antoine vi passar os síndicos dos apoticários, que iam apreender drogas e verdete que os jesuítas da rua contrabandeavam. O meu vizinho sr. Husson, que é uma sólida cabeça, veio ter comigo e disse-me:

— O senhor ri, meu amigo, de ver os jesuítas vilipendiados; e se alegra com saber que são acusados de um parricídio em Portugal e de uma rebelião no Paraguai. O clamor público que contra eles se eleva na França, o ódio que lhes votam, os repetidos opróbrios de que são cobertos, parece tudo isso um consolo para o senhor; mas saiba que, se forem condenados, como todas as pessoas honradas o desejam, o senhor nada ganhará com isso: será esmagado pela facção dos jansenistas. São entusiastas ferozes, almas de bronze, piores que os presbiterianos que derrubaram o trono de Carlos I. Considere que os fanáticos são mais perigosos do que os velhacos. Jamais se convence um energúmeno; a um velhaco, sim. Discuti muito tempo com o sr. Husson; disse-lhe afinal:

— Console-se, senhor, talvez venham a ser os jansenistas algum dia tão hábeis como os jesuítas.

Tratei de abrandá-lo; mas é uma cabeça dura, incapaz de mudar de idéia.

§ III

Brioché, vendo que Polichinelo era duplamente corcunda, quis ensinar-lhe a ler e a escrever. Ao cabo de dois anos, Polichinelo sabia soletrar passavelmente, mas jamais conseguiu servir-se de uma pena. Um dos narradores da sua vida observa que ele tentou um dia escrever o próprio nome, mas ninguém pôde lê-lo.

Brioché era muito pobre; sua mulher e ele não tinham meios para sustentar Polichinelo, e muito menos para fazê-lo aprender um ofício. Polichinelo lhes disse:

— Eu sou corcunda, e tenho memória; três ou quatro de meus amigos e eu podemos estabelecer-nos com fantoches; ganharei algum dinheiro: os homens sempre gostaram de fantoches; algumas vezes dá prejuízo apresentar novos fantoches, mas também há margem para grandes lucros.

O sr. e a sra. Brioché admiraram o bom senso do jovem; constituiu-se a companhia, que foi armar seu tablado num burgo suíço, na estrada de Appenzell a Milão.

Fora justamente nessa aldeia que os charlatães de Orvieto haviam fundado a loja do seu orvietão. Aperceberam-se que insensivelmente a canalha ia para os fantoches e que eles vendiam agora metade menos de sabonetes e ungüentos para queimaduras. Acusaram Polichinelo de vários desmandos e apresentaram queixa ao magistrado. Dizia a acusação que se tratava de um bêbedo perigoso; que um dia dera cem pontapés no ventre, em pleno mercado, a camponeses que vendiam nêspas.

Alegavam também que havia molestado um vendedor de galos da Índia; acusaram-no, enfim, de feiticeiro. O Sr. Parfait, na sua História do Teatro, pretende que ele foi engolido por um sapo; mas o padre Daniel pensa, ou pelo menos fala, de outro modo. Não se sabe o que foi feito de Brioché. Como era apenas pai putativo de Polichinelo, o historiador não julgou a propósito dar-nos notícias suas.

§ IV

Assegurava o falecido senhor de Marsais que o maior dos abusos era a venalidade dos cargos. É uma grande desgraça para o Estado — dizia ele — que um homem de mérito, sem fortuna, não possa chegar a nada. Quantos talentos enterrados, e quantos néscios em evidência! Que detestável política haver extinguido a emulação! O senhor de Marsais pleiteava sem

querer, a sua própria causa; vira-se reduzido a ensinar latim, quando teria prestado grandes serviços ao Estado se lhe houvessem dado um cargo público. Conheço rabiscadores de papel que teriam enriquecido uma província se estivessem no lugar daqueles que a roubaram. Mas, para obter esse lugar, é preciso ser filho de um rico que nos deixe com que comprar um cargo, um ofício, e o que se chama uma dignidade.

Assegurava Marsais que um Montaigne, um Charron, um Descartes, um Gassendi, um Bayle, jamais teriam condenado às galés estudantes que defendessem teses contrárias à filosofia de Aristóteles, nem teriam mandado queimar o cura Urbano Grandier, o cura Ganfredi, e que não teriam etc., etc.

§ V

Não faz muito que o cavaleiro Roginante, gentil-homem ferrarense, querendo constituir uma coleção de quadros da escola flamenga, foi adquiri-los em Amsterdã. Negociou um belo Cristo com o senhor Vandergru.

— Será possível – disse o ferrarense ao batavo – que o senhor, que não é cristão (pois que é holandês), tenha em casa um Jesus?

— Sou cristão e – católico – respondeu o sr. Vandergru sem se zangar; e vendeu o seu quadro bastante caro.

— Acredita então que Jesus Cristo é Deus? – perguntou-lhe Roginante.

— Naturalmente – retrucou Vandergru.

Um outro amador, que residia à porta contígua, era sociniano. Vendeu-lhe uma Sagrada Família.

— Que pensa do – filho? – indagou o ferrarense.

— Penso – respondeu o outro – que foi a criatura mais perfeita que Deus pôs no mundo.

Dali, dirigiu-se o ferrarense ao estabelecimento de Moisés Mansebo, que apenas tinha belas paisagens. e nenhuma Sagrada Família. Roginante perguntou-lhe por que não se encontravam tais assuntos em sua casa.

— É porque nós execramos essa família – disse ele.

Roginante passou por casa de um famoso anabatista, que tinha os mais belos filhos do mundo. Perguntou-lhes em que igreja haviam sido batizados.

— Ora, senhor! Nós, graças a Deus, ainda não somos batizados.

Ainda não chegara Roginante à metade da rua e já tinha visto uma dúzia

de seitas inteiramente opostas umas às outras. Disse-lhe então o sr. Sacrito, seu companheiro de viagem:

— Escapemo-nos depressa, que chegou a hora da Bolsa: toda essa gente vai sem dúvida engalfinhar-se, segundo o antigo costume, pois todos pensam de modo diverso; e o populacho dará cabo de nós, por sermos súditos do papa.

Muito espantados ficaram quando viram todas aquelas excelentes criaturas saírem de casa com os empregados, cumprimentar-se polidamente e dirigir-se para a Bolsa. Naquele dia, contando os armênios e os jansenistas, havia ao todo cinqüenta e três religiões no local. Negociaram cerca de cinqüenta e três milhões, da maneira mais pacífica do mundo, e o ferrarense voltou à sua terra, onde encontrou mais Agnus Dei do que letras de câmbio.

Vê-se todos os dias a mesma cena em Londres, em Hamburgo, em Danzig, na própria Veneza, etc. Mas o que vi de mais edificante foi em Constantinopla.

Há cinqüenta anos tive a honra de assistir à instalação de um patriarca grego, pelo sultão Achmet III, a quem Deus haja. Entregou ele ao sacerdote cristão o anel e o báculo. Realizou-se em seguida uma procissão de cristãos na rua Cleóbulo; dois janízaros marchavam à frente da procissão. Tive o prazer de comungar publicamente na igreja patriarcal, e só dependeu da minha vontade obter um canonicato.

— Confesso que, no meu regresso a Marselha, fiquei muito espantado de não encontrar ali uma mesquita. Externei minha surpresa ao senhor intendente e ao senhor bispo. Disse-lhes que isso era muito incivil e que, se os cristãos tinham Igrejas entre os muçulmanos, podia-se pelo menos fazer aos turcos a galanteria de algumas capelas. Prometeram-me ambos escrever para as Cortes; mas o assunto ficou nesse pé, devido à constituição Unigenitus.

Ó meus irmãos jesuítas, não fostes tolerantes e não o são para convosco. Consolai-vos; outros por sua vez, Se tornarão perseguidores, e serão, por sua vez, execrados.

§ VI

Há poucos dias, contava eu essas coisas ao senhor de Boucacous, languedoquiano exaltado e huguenote zeloso.

— Está vendo?! – exclamou ele. – Tratam-nos então em França como

aos turcos: a eles recusam mesquitas e a nós não concedem templos!

— Quanto às mesquitas – disse eu, – os turcos ainda não as pediram; e aventurei-me a afirmar que obterão tantas quantas quiserem, pois que são nossos bons aliados. Mas duvido muito que restabeleçam os vossos templos, apesar de toda a polidez de que fazemos gala. A razão disso é que os huguenotes são um tanto inimigos nossos.

— Inimigos vossos! – exclamou o senhor de Boucacous. – Nós que somos os mais ardentes servidores do rei!

— É que sois demasiado ardentes, que fizestes nove guerras civis, sem contar os massacres de Cévennes.

— Mas se fizemos guerras civis, é porque nos cozinhavam em praça pública e afinal a gente se cansa de ser cozido, não há paciência de santo que o agüente. Que nos deixem em paz, e juro que seremos os mais fiéis dos súditos.

— É justamente o que fazem. Fecham os olhos, e vos permitem especular à vontade, tendes liberdade suficiente.

— Linda liberdade! – exclamou o senhor de Boucacous. – Mal nos reunimos quatro ou cinco mil, para cantar salmos em pleno campo, logo chega um regimento de dragões, que nos faz voltar para casa. Isso lá é vida? Isso é ser livre?

Não há nenhum país no mundo – retruquei – onde a gente se possa reunir sem ordem do soberano; toda reunião em bandos é contra a lei. Servi Deus à vossa moda em vossas próprias casas, não atordoeis ninguém com urros a que chamais música. Pensais que Deus há de ficar muito contente quando cantais os seus mandamentos com a música de *Desperta, ó bela adormecida*, e quando dizeis com os judeus, falando de um povo vizinho: “Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras”? Será que Deus quer absolutamente que arrebenhem as cabeças das criancinhas? Será isso humano? E, de resto, gostará Deus de maus versos e pior música?

O senhor de Boucacous interrompeu-me, Indagando se acaso valia mais o latim de cozinha de nossos salmos.

— Certamente que não – respondi. – E acredito até que haja um pouco de esterilidade de imaginação em só rezarmos a Deus numa tradução bastante viciosa de velhos cânticos de um povo a quem abominamos; somos todos judeus à hora das vésperas, como somos todos pagãos na Ópera.

Só me desagrada que, por malícia do demônio, sejam as Metamorfoses

de Ovídio muito mais bem escritas e mais agradáveis que os cânticos judeus; pois cumpre confessar que essa montanha de Sião, e essas faces de basilisco, e essas colinas que saltam como carneiros, e todas essas repetições fastidiosas, não valem nem a poesia grega, nem a latina, nem a francesa. Por mais que faça o frio Racininho, nunca esse filho desnaturado impedirá (profanamente falando) que o seu pai seja melhor poeta que David.

Mas afinal constituímos a religião predominante em nossa terra; na Inglaterra não vos permitem agrupamentos: per que haveis de exigir essa liberdade em França? Fazei o que quiserdes em casa, e tenho a palavra do senhor governador e do senhor intendente de que, se vos comportardes bem, vos deixarão em paz; só a imprudência tem ocasionado, e ocasionará as perseguições. Acho mau que os vossos casamentos, a situação de vossos filhos, o direito de herança, sofram o mínimo obstáculo. Não é justo que vos sangrem e vos purguem porque os vossos pais estiveram doentes. Mas que quereis? Este mundo é um grande Bedlam onde loucos encarceram outros loucos.

Assim falávamos, o senhor de Boucacous e eu, quando vimos passar precipitadamente Jean-Jacques Rousseau.

— Ouça! Aonde vai tão depressa, senhor Jean-Jacques?

— Vou fugindo, pois Joly de Fleury afirmou, num requisitório, que eu pregava contra a intolerância e contra a existência da religião cristã.

— Ele quis dizer evidência – respondi-lhe. – Não nos queimemos por uma palavra.

— Ah, meu Deus! – tornou Jean-Jacques, – bem queimado estou; por toda parte lançam ao fogo o meu livro. Saio de Paris como o senhor D'Assouci de Montpellier, de medo que queimem a minha pessoa.

— Isso acontecia no tempo de Anne du Bourg e de Michel Servet, mas agora já se é mais humano. Que espécie de livro é esse que queimaram?

— Eu educava, à minha maneira, um rapazinho, em quatro tomos. Sentia que talvez me tornasse enfadonho; e resolvi, para arejar a matéria, incluir habilmente umas cinqüenta páginas em favor do teísmo. Julguei que, dizendo injúrias aos filósofos, o meu teísmo passaria, mas estava muito enganado.

— E que quer dizer teísmo?

— É a adoração de um Deus, enquanto não estou melhor informado.

— Ah! se este é o seu único crime, não se aflija. Mas por que injuriar os

filósofos?

— Fiz mal – confessou ele. -

— Mas como se tornou teísta, senhor Jean-Jacques? Que cerimônia é preciso para isso?

— Nenhuma. Nasci protestante, cortei tudo o que os protestantes condenam na religião romana. Em seguida, cortei tudo o que as outras religiões condenam no protestantismo. Só me restou Deus. Adorei-o. E Joly de Fleury apresentou um requisição contra mim.

Falamos então a fundo do teísmo com Jean-Jacques, o qual nos informou que havia trezentos mil teístas em Londres, e cerca de cinquenta mil apenas em Paris, pois os parisienses nunca chegam a nada senão muito depois dos ingleses; haja vista a inoculação, a gravitação, a semeadeira, etc., etc. Acrescentou que o norte da Alemanha formigava de teístas e de gente que se batia bem.

O senhor de Boucacous ouviu atentamente e prometeu fazer-se teísta. Quanto a mim, fiquei firme. Não sei no entanto se queimarão este escrito, como uma obra de Jean-Jacques, ou uma pastoral de bispo; mas um mal que nos ameaça nem sempre me impede de ser sensível aos males de outrem; e, como tenho bom coração, lamentei as atribulações de Jean Jacques.

§ VII

Reduzidos à miséria, que era o seu estado natural, os companheiros de Polichinelo associaram-se com alguns ciganos, saindo a percorrer as aldeias. Chegaram a uma cidadezinha e alojaram-se num quarto andar, onde começaram a fabricar drogas, o que os ajudou a subsistir, por algum tempo. Chegaram até a curar da sarna o fraldiqueiro de uma dama de consideração; os vizinhos clamaram que era um milagre; mas, apesar de toda a sua habilidade, o bando não fez fortuna. Lamentavam-se de sua obscuridade e miséria, quando ouviram um dia um ruído acima das suas cabeças, como o de um carrinho de mão que estivesse a rodar. Subiram ao quinto andar e ali encontraram um homem que fabricava fantoches; chamava-se Bienfait; e tinha justamente o talento necessário à sua arte.

Não se entendia patavina do que ele dizia, mas tinha uma algaravia bastante passável; e não faziam mal os seus bonecos. Um companheiro, igualmente versado em algaravia, assim lhe falou:

— Cremos que estais destinado a ressuscitar os nossos títeres; pois

lemos em Nostradamus estas palavras textuais: *nelo chi li porata cisus res fait en bi*, as quais, tomadas às avessas, significam evidentemente: *Bienfait ressuscitará Polichinelo*. O nosso foi engolido por um sapo, mas encontramos o seu chapéu, a sua bossa e a sua gaita. Vós fornecereis o fio de arame. Creio aliás que vós será fácil lhe fabricardes um bigode semelhante ao que ele possuía; e, quando estivermos associados, é de esperar considerável lucro. Elevaremos Polichinelo à custa de Nostradamus, e Nostradamus à custa de Polichinelo.

O senhor Bienfait aceitou a proposta. Perguntaram-lhe o que queria pelo seu trabalho.

— Eu quero — disse ele — muitas honrarias e muito dinheiro.

— Não temos nada disso — respondeu o orador do bando, mas, com o tempo, tudo se consegue.

O senhor Bienfait juntou-se, pois, com os ciganos; e foram todos a Milão, inaugurar o seu teatro, sob a proteção da senhora Carminetta. Anunciaram que o mesmo Polichinelo que fora engolido por um sapo da aldeia do cantão de Appenzell, reapareceria no teatro de Milão e dançaria com a senhora Gigogne. Por mais que protestassem os vendedores de electuário, o senhor Bienfait, que também possuía o segredo da sua fabricação, sustentou que o seu era o melhor; vendeu muito às mulheres, que eram loucas por Polichinelo, e ficou tão rico que se tornou diretor da companhia.

Logo que obteve o que queria (e o que todos querem), isto é, honrarias e bens, mostrou-se muito ingrato com a senhora Carminetta. Comprou uma bela casa fronteira à da sua benfeitora e descobriu o segredo de fazer que seus sócios a pagassem. Não mais o viram cortejar a senhora Carminetta; pelo contrário, fez questão que esta fosse almoçar em casa dele, e, no dia em que ela se dignou comparecer, mandou fechar-lhe a porta no nariz, etc.

§ VIII

Como nada houvesse compreendido do precedente capítulo de Merri Hissing, fui à casa de meu amigo sr. Husson, para solicitar uma explicação. Disse-me que era uma profunda alegoria, a respeito do padre La Valette, negociante falido da América. Mas que fazia muito que não se preocupava com essas tolices, nunca ia aos fantoches e que naquela noite representavam Polyeucte, a que ele queria assistir. Acompanhei-o ao teatro.

Durante o primeiro ato, o sr. Husson não parava de sacudir a cabeça.

Perguntei-lhe, no intervalo, por que sua cabeça sacudia tanto.

— Confesso – disse ele – que estou indignado com esse tolo Polyeucte e com esse impudente Nearco. Que me diria de um genro do senhor governador de Paris, que fosse huguenote e que, acompanhando o sogro a Notre-Dame no dia da Páscoa, espatifasse o cibório e o cálice e se pusesse a dar pontapés na barriga do arcebispo e dos cônegos? Estaria justificado se nos dissesse que somos uns idólatras? E que isso ele o soubera por intermédio do senhor Lubolier, pregador de Amsterdã, e do senhor Monfié, compilador de Berlim, autor da Biblioteca Germânica, o qual por sua vez o soubera pelo pregador Uriaju? Eis a fiel imagem do procedimento de Polyeucte. Acaso pode a gente interessar-se por esse vulgar fanático, seduzido pelo fanático Nearco?

Assim me dizia ele amigavelmente a sua opinião, nos entreatos. Pôs-se a rir quando viu Polyeucte ceder a mulher ao rival, e achou-a um pouco burguesa quando ela diz ao amante que vai para o quarto, em vez de ir com ele à igreja;.

*Adieu, trop vertueux objet, et top charmant;
Adieu, trop généreux et trop parfait amant;
Je vais seule en ma chambre enfermer mes regrets.*

Mas admirou a cena em que ela implora ao amante o perdão do marido.

— Há aqui – disse ele – um governador da Armênia que é mesmo o mais covarde, o mais baixo dos homens; esse, o pai de Paulina, chega a confessar que tem os sentimentos de um patife:

*Polyeucte est ici l'appui de ma famille,
Mais, si par son trépas l'autre épousait ma fille,
J'acquerrais bien là de plus puissants appuis,
Qui me mettraient plus haut cent fois que je ne suis.*

Um procurador no Châtelet não poderia pensar nem exprimir-se de outro modo. Há boas almas que engolem tudo isso, eu não sou desses. Se tais misérias podem entrar numa tragédia do país das Gálias, cumpre queimar o Édipo dos Gregos.

O sr. Husson é um homem rude. Fiz o possível para abrandá-lo; mas nada consegui. Ele persistiu na sua idéia, e eu na minha.

§ IX

Deixamos o senhor Bienfait muito rico e muito insolente. Tanto fez, que foi reconhecido como empreiteiro de grande número de fantoches. Logo que se viu investido dessa dignidade, passeou Polichinelo por todas as cidades, mandando afixar que todos teriam de chamar Senhor ao fantoche, sem o que, este não representaria. Vem daí que, em todos os espetáculos de fantoches, ele só responde ao comparsa quando o comparsa o chama de senhor Polichinelo. Pouco a pouco se tornou Polichinelo tão importante que não deram mais nenhum espetáculo sem lhe pagar uma retribuição, como as óperas da província pagam uma à Opera de Paris.

Um dia o porteiro e varredor do teatro foi despedido e revoltou-se contra Bienfait, abrindo outro teatro de fantoches, que desacreditaram todas as danças da senhora Gigogne e todos os truques de Bienfait. Cortou mais de cinquenta ingredientes que entravam no electuário, compôs o seu com cinco ou seis drogas e, vendendo-o muito mais barato, arrebatou uma infinidade de fregueses a Bienfait; o que suscitou um furioso processo, e houve tremendas brigas, durante muito tempo à porta do teatro, na feira.

§ X

O sr. Husson falava-me ontem de suas viagens. Com efeito, passou vários anos no Levante, foi à Pérsia, demorou-se nas Índias e viu toda a Europa.

— Observei — dizia-me ele — que há um número prodigioso de judeus que esperam o Messias e que prefeririam deixar-se empalar a confessar que ele já veio. Vi milhares de turcos persuadidos de que Maomé escondia metade da lua na manga. O populacho, de um extremo a outro da terra, acredita piamente nas coisas mais absurdas. No entanto, se um filósofo tiver de dividir um escudo com o mais imbecil desses infelizes em que a razão humana se acha tão horivelmente obscurecida, é certo que o imbecil levará a melhor. Como é que toupeiras tão cegas quanto ao maior dos interesses, são uns verdadeiros lince nos menores? Por que é que o mesmo judeu que nos esfola na sexta-feira não roubaria um ceitil no sábado? Essa contradição da espécie humana bem merece um detido exame.

— Não será — disse eu — porque os homens são supersticiosos por costume e velhacos por instinto

— Vou pensar nisso — respondeu-me o sr. Husson, — essa idéia me parece bastante apreciável.

§ XI

Depois da aventura do porteiro, Polichinelo passou por muitas desgraças. Os ingleses, que são raciocinadores e sombrios, preferiram-lhe Shakespeare; mas alhures as suas farsas têm estado muito em voga; e, não fora a ópera-bufa, o seu teatro seria o primeiro dos teatros. Houve muitas querelas com Scaramouche e Arlequim, e ainda não se sabe quem ganhará. Mas...

§ XII

— Mas, meu caro senhor — dizia eu, — como se pode ser ao mesmo tempo tão bárbaro e tão divertido? Como é que na história de um povo pode haver ao mesmo tempo S. Bartolomeu e os contos de La Fontaine, etc.? Será efeito do clima? Será efeito das leis?

— O gênero humano — respondeu o sr. Husson — é capaz de tudo. Nero chorou quando teve de assinar a sentença de morte de um criminoso, representou farsas, e assassinou a mãe. Os macacos fazem coisas engraçadíssimas e esganam os filhos. Nada mais suave, mais tímido que uma galga, mas estraçalha uma lebre e mergulha o longo focinho no sangue da vítima.

— O senhor deveria — disse-lhe eu — escrever um belo tratado onde desenvolvesse todas essas contradições.

— Esse tratado já está pronto — respondeu-me. — E só olharmos para um catavento: gira, ora ao suave bafejo do Zéfiro, ora ao sopro violento do aquilão: eis o homem.

§ XIII

Nada pode ser por vezes mais conveniente do que amar a uma prima. Pode-se também amar a própria sobrinha, mas custa dezoito mil libras, pagáveis em Roma, para desposar uma prima, e oitenta mil francos para dormir com a sobrinha em legítimo matrimônio.

Calculando quarenta casamentos por ano de tios com sobrinhas e cem entre primos, eis aí seis milhões e oitocentas mil libras em sacramentos

que saem anualmente do reino. Acrescente-se a isto cerca de seiscentos mil francos para o que se chama as anatas das terras de França, que o rei de França dá a franceses, em benefícios; juntem-se ainda algumas despesas miúdas; são cerca de oito milhões e quatrocentas mil libras que damos liberalmente ao Santo Padre por ano. Talvez exageremos um pouco; mas convenhamos que, se tivermos muitas primas e sobrinhas bonitas, e se a mortalidade se coloca entre os beneficiários, a soma pode chegar ao dobro. Seria um pesado fardo, quando temos de construir navios, pagar exércitos e rendeiros.

Espanta-me que, entre a enorme quantidade de livros, cujos autores vêm governando há vinte anos o Estado, em nenhuma se tenha pensado em sanar tais abusos. Pedi a um doutor da Sorbonne meu amigo que me dissesse em que passagem das Escrituras se encontra que a França deva pagar a Roma a supradita quantia: nunca a pode encontrar. Falei a um jesuíta: respondeu-me que tal imposto fora lançado por S. Pedro sobre as Gálias, logo no primeiro ano em que foi a Roma; e como eu duvidava que S. Pedro tivesse feito tal viagem, o jesuíta convenceu-me, dizendo que ainda se vêem em Roma as chaves do Paraíso que ele carregava sempre à cinta. “É verdade – disse-me ele – que nenhum autor canônico fala da tal viagem desse Simão Barjonas; mas temos uma bela carta dele, datada de Babilônia: ora, certamente Babilônia quer dizer Roma; deveis, pois, dinheiro ao Papa, quando casais com as vossas primas.” Confesso que fiquei impressionado com a força desse argumento.

§ XIV

Tenho um velho parente que serviu o rei durante cinqüenta e dois anos. Retirou-se para a alta Alsácia, onde possui uma pequena terra que cultiva, na diocese de Povertru. Quis um dia dar a última lavra a seu campo; a estação ia avançada, o serviçourgia. Os empregados recusaram-se, dando como motivo ser aquele o dia de Santa Bárbara, a santa mais festejada em Povertru.

— Mas meus amigos – observou-lhes meu parente. – já estivestes na missa em honra de Bárbara, destes a Bárbara o que lhe pertence, dai-me a mim o que me deveis: cultivai meu campo em vez de ir à taverna; Santa Bárbara ordena acaso que a gente se embriague para lhe prestar honras e que me falte trigo este ano?

— Senhor – disse-lhe o capataz, – bem sabeis que perderia minh'alma

se trabalhasse num dia santo; Santa Bárbara é a maior santa do Paraíso; ela gravou o sinal da cruz em uma coluna de mármore, com a ponta do dedo; e, com o mesmo dedo e com o mesmo sinal, fez cair todos os dentes a um cachorro que lhe mordera as nádegas: não trabalharei no dia de Santa Bárbara.

Meu parente mandou procurar trabalhadores luteranos, e seu campo foi cultivado. O bispo de Poventru excomungou-o. Meu parente apelou do abuso; .O processo ainda não foi julgado. Ninguém por certo está mais persuadido de que o meu parente de que cumpre venerar os santos, mas acha também que é preciso cultivar a terra.

Suponho que haja em França cerca de cinco milhões de operários, simples trabalhadores ou artesãos, que ganham cada um, em média, vinte “sous” por dia, que são devotamente forçados a nada ganhar durante trinta dias do ano, não contando os domingos; isso importa em cento e cinquenta milhões a menos na circulação, e cento e cinquenta milhões a menos em mão de obra. Que prodigiosa superioridade não devem ter sobre nós os reinos vizinhos, que não possuem nem Santa Bárbara nem arcebispo de Poventru! Respondiam a esta objeção que as tabernas abertas nos dias santos dão muito lucro. Meu parente concordava, mas pretendia que era uma leve indenização e que, por outro lado, se se pode trabalhar após a missa, pode-se muito bem ir à taberna depois do trabalho. Sustenta que é um assunto puramente da alçada da policia, e nada tem de episcopal; sustenta que vale mais lavrar do que embriagar-se. Tenho muito medo de que ele perca o processo.

§ XV

Faz alguns anos, viajando eu pela Borgonha, em companhia do sr. Evrard, que todos vós conheceis, vimos um vasto palácio em construção. Perguntei a que príncipe pertencia. Respondeu-me um pedreiro que pertencia ao senhor abade de Citeaux; que a construção fora orçada em um milhão e setecentas mil libras, mas que provavelmente custaria muito mais.

Abençoei a Deus que pusera seu servidor em condições de erguer tão belo monumento e de espalhar tanto dinheiro pelo país.

— Está brincando — disse o senhor Evrard. — Não é abominável que a ociosidade seja recompensada com duzentas e cinquenta mil libras de renda, e que a abnegação de um pobre cura de campanha seja punida com uma cônica de cem escudos! Não é essa desigualdade a coisa mais injusta

e odiosa do mundo? Que sucederá ao Estado quando um monge for alojado num palácio de dois milhões? Vinte famílias de pobres oficiais, que compartilhassem desses dois milhões, teriam cada qual uma fortuna decente e dariam ao rei novos oficiais. Os monges, que são hoje súditos inúteis de um dos seus, por eles eleito, se tornariam membros do Estado, ao passo que não são mais do que cancros que o corroem.

— O senhor vai muito longe e muito depressa – respondi eu, – tenha paciência: o que me diz acontecerá certamente daqui a duzentos ou trezentos anos.

— É precisamente porque só acontecerá dentro de dois ou três séculos, que eu perco toda paciência; estou cansado de todos os abusos a que assisto: parece-me que marcho nos deserto, da Líbia, onde o nosso sangue é sugado por insetos quando os leões não nos devoram.

— Eu tinha – continuou ele – uma irmã bastante imbecil para ser jansenista de boa-fé, e não por espírito partidário. A bela aventura dos certificados de confissão a fez morrer de desespero. Meu irmão tinha um processo que fora ganho em primeira instância e de que dependia a sua fortuna. Não sei como aconteceu, mas os juizes pararam de distribuir justiça, e o meu irmão ficou arruinado. Tenho um velho tio crivado de ferimentos, que transportava seus móveis e baixela de uma província a outra; comissários expertos apreenderam tudo, sob o pretexto do não preenchimento de uma pequena formalidade; meu tio não pode pagar os três vigésimos, e morreu na prisão.

O sr. Evrard contou-me aventuras desse gênero durante duas horas inteiras.

— Meu caro senhor Evrard, passei por muito piores que o senhor; os homens são todos a mesma coisa, de um extremo a outro do mundo; supomos que só existem abusos em nossa terra; somos os dois como Astolphe e Joconde que pensavam a princípio que só as suas mulheres eram infiéis; puseram-se a viajar, e encontraram por toda parte gente da sua confraria.

— Sim – disse o Sr. Evrard, – mas tiveram o prazer de devolver por toda parte o que generosamente lhes haviam emprestado em casa.

— Pois trate – disse-lhe eu – de ser apenas durante três anos diretor de... ou de... ou de... e o senhor se vingará com usura

O sr. Evrard acreditou-me; é agora em França o homem que rouba ao rei,

ao Estado e aos particulares da maneira mais nobre, que tem o melhor passado e que julga mais convencidamente uma nova peça de teatro.

©2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Julho 2001

Table of Contents

Breves Contos

Apresentação

Biografia do Autor

BREVES CONTOS

Índice na Obra

Breves Contos II

Apresentação

Biografia do Autor

BREVES CONTOS II

Índice na Obra

Breves Contos III

Apresentação

Biografia do Autor

BREVES CONTOS III

Índice na Obra